

Património Imaterial



Inv. : PROC/0000000156

Denominação: Romaria de S. Bento do Cando

Domínio: Práticas sociais, rituais e eventos festivos

Categoria: Festividades cíclicas

Outras denominações: Festa de S. Bento do Cando

Contexto tipológico: A Romaria de S. Bento do Cando tem o seu centro geográfico na freguesia serrana da Gavieira, na branda de S. Bento do Cando, concelho de Arcos de Valdevez, distrito de Viana do Castelo, arquidiocese de Viana do Castelo. A romaria remonta, segundo as informações mais seguras, ao século XVII (importa sublinhar que a capela foi mandada construir por capítulo de visitação, em 1651) e realiza-se em três momentos anuais, celebrando-se o primeiro a 21 de março, dia em que se lembra a morte de S. Bento. O segundo tem início no dia 3 de julho, com a celebração da novena em honra de S. Bento do Cando, terminando no dia 11, dia principal da Romaria, com a celebração da eucaristia, sermão e procissão do adeus. Nesse mesmo dia, celebra-se a transladação das relíquias mortais de S. Bento. Há ainda um terceiro momento festivo, no dia 10 de agosto, introduzido em 1997, pelo pároco, padre Manuel Domingues. Esta última romaria é sobretudo destinada aos emigrantes locais e alguns forasteiros.

A segunda data da Romaria de S. Bento do Cando integra o calendário anual das festividades religiosas cíclicas que decorrem em todo o Alto Minho, durante a época de verão. Durante nove dias do mês de julho, as populações dos concelhos de Melgaço, Monção e Arcos de Valdevez, deslocam-se à branda de S. Bento do Cando, para cumprir a novena, a meia novena, pagar as suas promessas ou pedir proteção e saúde para si e para os seus familiares. Repetem este ritual ano após ano, para se encontrarem e falarem de perto com S. Bentinho ou Senhor S. Bento, como carinhosa e respeitosamente o tratam. Uma outra característica desta romaria, comum a outras festas religiosas de montanha (em locais isolados das povoações ou onde a distância de origem dos romeiros não possibilitava conciliar a frequência das novenas preparatórias com a pernoita nas suas próprias casas), é a de existirem habitações, na “branda” do Cando, nas imediações do Terreiro da Capela, destinadas à permanência dos romeiros durante as cerimónias religiosas. A essas

habitações é dado o nome de “quartéis”. Quem faz a gestão destes “quartéis” são os mesários pertencentes à Mesa Administrativa de S. Bento do Cando, havendo, neste caso, quartéis destinados às freguesias de onde tradicionalmente é oriundo o maior número de romeiros.

Ou seja, os romeiros destas freguesias já sabem quais os “quartéis” correspondentes a cada uma delas e fazem a reserva, para poderem ali permanecer durante o ciclo festivo. Este facto dá uma envolvimento particular aos eventos celebrativos, sejam eles religiosos ou os que decorrem entre essas celebrações. A permanência destes romeiros na comunidade altera a demografia da mesma, durante um certo período de tempo. Apesar de curto, este revela-se, no entanto, como o tempo suficiente para se afirmarem novas sociabilidades.

À Grande Romaria de 11 de julho acorrem muitos romeiros e forasteiros das freguesias vizinhas, numa prova de fé, marcadamente influenciada pelo contexto social e ecológico onde se inserem. O contexto envolvente foi, durante séculos, marcado por uma agricultura de subsistência e de pastoreio. Mesmo na atualidade, em que as grandes transformações provocadas pela fortíssima emigração alteraram os laços sociais e as relações com o mundo rural, a comunidade, pelo seu extremo isolamento, tem muita dificuldade em dialogar com os novos estilos de vida, sendo uma imagem das profundas contradições entre a antiga comunidade rural e de montanha e as novas expectativas de vida dos mais jovens ou dos regressados da emigração. As celebrações religiosas acontecem entre a profunda tradição herdada com a crença assumida e o processo de secularização que introduz na romaria outros sentidos e outras atitudes dos forasteiros.

O facto do lugar onde está a capela de S. Bento ser um local de montanha, dentro do complexo montanhoso da Serra de Soajo, dentro de uma organização do espaço de residência que expressava uma tradicional alternância de residir entre habitações (havia umas para o inverno, as “inverneiras”, e outras para o verão, as “brandas”), influenciou a permanência de práticas associadas à religiosidade popular, bem como propiciou um grau de familiaridade entre as comunidades vizinhas, onde o mesmo sistema de residência era comum. Algumas “brandas”, com o decorrer do tempo, transformaram-se em residências fixas, mas aquelas que permaneceram e estavam associadas a capelas e práticas religiosas de grande expressão festiva destacaram-se e constituem ainda uma atração para todos os romeiros vizinhos. Esta romaria tem, desta forma, características peculiares, sobretudo pelo facto de se realizar numa “branda”, localizada dentro do Parque Nacional Peneda-Gerês que é também uma Reserva Mundial da Biosfera.

O topónimo Cando é referenciado desde o século XIV e, porventura, mesmo antes da construção da capela, visto que já existia um nicho onde se prestava culto a S. Bento. O século XVII foi, segundo a informação mais

segura, o marco temporal importante durante o qual se desencadeou e depois disseminou o culto a S. Bento, na localidade, uma vez que, em 1651, se mandou construir a capela, que devia ser de reduzidas dimensões. Um elemento relevante a ter em conta para a afirmação do culto e para a preponderância do espaço, apesar da sua localização relativamente remota, é o facto de a “branda” do Cando estar dentro do percurso percorrido pelos monges beneditinos que circulavam entre o Cenóbio do Ermelo (junto do rio Lima) e os restantes mosteiros que se seguiam até Celanova (Galiza).

O costume, no passado, de se fazer a viagem a pé, pelos caminhos e carreiros da serra, foi sendo transmitido de geração em geração e constitui uma das características mais fortes da experiência da romaria, destacada pelas populações serranas que a frequentavam. O percurso era penoso e, quase sempre, demorado, até chegar à branda de S. Bento do Cando. Grande parte da ‘magia’ colocada nesta experiência do romeiro definia tanto a vontade de fazer o percurso, como o sentido do sacrifício prometido, em paga da graça recebida. Na atualidade, apesar das vias de comunicação terem sido extraordinariamente modificadas e facilitarem o acesso, bem como a existência de outros tipos de mobilidade disponíveis, no imaginário das pessoas ainda há referências à experiência do passado, mesmo nos que se deslocam em viaturas automóveis. No entanto, marca indelével desse imaginário, muitos são ainda os romeiros que percorrem os caminhos das montanhas (a pé ou a cavalo), seja porque o fazem assumindo a experiência de uma romaria onde querem sentir o contacto com a natureza e viver uma experiência espiritual, só possível pela realização do percurso a pé, seja porque querem reavivar uma herança cultural, onde o sentido patrimonial e lúdico se impõe ao religioso.

A Romaria de S. Bento do Cando foi, outrora, e continua a ser, na atualidade, um importante lugar para estabelecer relações de enamoramento, em particular durante o arraial, por via da sua sobejamente conhecida capacidade de reunir pessoas nas imediações da capela de S. Bento. O momento da festa, associado ao contexto espacial e à tradição herdada, ainda está muito marcada, na atualidade, por esta experiência da excitação do encontro e do folguedo, onde a sensualidade é claramente expressa.

A Romaria de S. Bento do Cando, no dia 11 de julho, dia da festa principal, celebra alguns rituais que a caracterizam. O primeiro é o da chamada novena preparatória. A comunidade, os vizinhos mais próximos e os que estão hospedados nos quartéis, participam, todos os dias, na celebração da novena. Atualmente, aqueles que têm automóvel e, apesar da distância, têm promessas, deslocam-se todos os dias à celebração da novena. Esta preparação, com o tempo que decorre entre o seu início, no dia 3 de julho, até ao dia 11, dia principal, transforma a vida na “branda” do Cando,

sendo um elemento fulcral para o sentido da vivência de uma experiência comum, num local isolado. Para muitos romeiros, esta paragem nas suas vidas quotidianas representa uma maior aproximação à crença religiosa e à relação com o santo milagreiro, S. Bento. O convívio, a partilha de informação e de saberes, o ter um espaço comum, seja no quartel, seja no terreiro, ao largo da capela, fazem parte desta experiência religiosa e social, o encontro entre pessoas de freguesias relativamente distantes. As pregações envolvem os crentes, sendo que o padre pregador é avaliado pela sua performance e capacidade de dar a conhecer a vida de S. Bento. Isso, para os romeiros, é fundamental para o sucesso da

novena.

Na véspera do dia principal, depois da celebração da missa, decorre um outro ritual importante - uma procissão de velas, que sai da capela e vai dar a volta a um cruzeiro, localizado ao fundo da "branda". Depois, faz o percurso inverso, até entrar no caminho que passa no interior da branda e que vai desembocar na capela.

O arraial que se segue à procissão é tão importante como os rituais religiosos, para a afirmação da comunidade e para congregar os romeiros exteriores a ela ou os simples forasteiros que procuram, nessa noite, o tão esperado convívio. É a oportunidade para os cantos e danças, entre a música popular e os instrumentos mais comuns nestas circunstâncias: a concertina, o bombo, os cavaquinhos, reque-reques, entre outros. Formam-se grupos de tocadores e de cantores ao desafio, assim como outros de dançadores.

De ambos se aproximam as pessoas, umas para avaliarem as performances dos participantes, outras para se agregarem ao canto ou à dança. Se, no passado, a noite era longa e os festejos se prolongavam até o sol nascer, nos tempos mais recentes, a capacidade de resistência é menor, pois as pessoas implicadas são menos e o entusiasmo esfria com a busca do conforto, não havendo quem não tenha local para pernoitar.

No dia 11 de julho, principal dia da romaria, as celebrações iniciam-se pelas 11h da manhã, com o ritual da celebração da missa e sermão em honra de S.

Bento. Após terminar a missa do dia 11 de julho, sai à branda a procissão. De manhã, ainda cedo, chegam os romeiros que se dirigem à Casa da Mesa Administrativa, para pagar as suas promessas, que se materializam quer no aluguer de ex-votos, pagar cera (meia dúzia de velas, por exemplo), quer no acender velas no queimador de cera, oferecer cravos, ou uma determinada quantia em dinheiro. Verificámos que o aluguer de ex-votos representativos de animas, vacas, cabras ou porcos, por exemplo, é residual, comparativamente ao que ocorria outrora, em que todas as casas tinham um ou mais animais domésticos que podiam ser acometidos por diversas doenças.

Depois do aluguer do(s) ex-voto(s), os devotos rezam, em surdina, com o rosário na mão, e ambulam ao redor da capela, dando nove ou mais voltas, sempre em

sentido contrário ao dos ponteiros do relógio. Depois, entram na capela e rezam, ajoelhados, junto da imagem de S. Bento que está no altar-mor. Depois de lá permanecerem algum tempo, devolvem os ex-voto(s) alugado(s) na Casa da Mesa Administrativa. Logo após cumprirem as suas promessas e ofertarem as suas esmolas, os romeiros fazem compras nas tendas de comércio ou assistem à arrematação das ofertas a S. Bento. Essa arrematação é feita em cima de um banco de granito que está encostado à parede da Casa da Mesa Administrativa.

Por volta das 11h da manhã, à medida que se vai aproximando a hora do início da missa da romaria, começa a haver uma maior afluência de romeiros. A missa é campal, contando com a presença de três padres. Inclui um sermão, onde o padre tece várias considerações sobre a biografia de S. Bento e refere os milagres operados por este. Terminada a missa, organiza-se a procissão. Esta vai dar a volta ao cruzeiro, situado num largo, ao fundo da branda, e regressa à capela, percorrendo o trajeto inverso, entrando depois num caminho interior. A procissão inclui dois ou três andores (S. Bento, Santa Bárbara e S. Brás) e algumas bandeiras. Integram ainda a procissão os anjinhos, os devotos amortalhados, a fanfarra e a banda filarmónica. No final da procissão, os romeiros saem apressados e escolhem um lugar sossegado e com sombra, para fazerem o piquenique.

Durante a tarde do dia 11 de julho, as portas da Casa Mesa Administrativa fecham-se, para se contar o dinheiro das ofertas, sendo a comunidade posteriormente informada do saldo obtido na Romaria.

Publicado na internet

Contexto de Produção

Contexto social

Tipo	Nome
Grupo	Mesa Administrativa de S. Bento do Cando
Comunidade	População das freguesias serranas dos concelhos de Arcos de Arcos de Valdevez, Monção e Melgaço
Grupo	Câmara Municipal de Arcos de Valdevez

Especificações A freguesia da Gavieira, onde se localiza a capela de S. Bento do Cando situa-se no concelho de Arcos de Valdevez, distrito de Viana do Castelo, no interior da região do Alto Minho, noroeste de Portugal. Tem uma área total de aproximadamente 57,56 km². Está encaixada num dos muitos vales em que se fragmenta o maciço montanhoso da Serra de Soajo e está totalmente inserida na área protegida do Parque Internacional Luso-Galaico Gerês/Xurés que a UNESCO aprovou como reserva mundial da biosfera pelas suas riquezas florestais, pela importância dos ecossistemas e pelo alto nível de espécies endémicas que contém.

Esta freguesia, como está integrada numa das áreas mais pluviosas da Europa, a Serra de Soajo, possui reservas de água para o verão, que é curto e seco, mas ameno. Situa-se num vale, composto por dois “braços”: o vale do rio Peneda e o vale do rio Pomba. O relevo é acidentado e montanhoso. É composta por cinco lugares/aldeias, com génese e idade diferenciadas (Peneda, Baleiral, Gavieira, Rouças e Tibo), separados uns dos outros, mas com um povoamento concentrado, como forma de superar dificuldades decorrentes de condições orográficas e climáticas adversas, causadas pelo isolamento.

Nesta freguesia serrana, a agricultura vai-se marginalizando progressivamente e o sistema de entreatajuda na realização dos trabalhos agrícolas já há muitos anos que se perdeu. O trabalho agrícola já não é sentido como uma necessidade. A sua rendibilidade é menos evidente, na medida em que o autoconsumo diminuiu bastante. A horta, a capoeira e sobretudo a criação de gado bovino são em larga medida suficientes para abastecer regularmente o casal e os filhos casados quando aparecem de visita. Por outro lado, a melhoria do nível de vida, que abrange toda a gente, com as pensões de reforma de que usufruem muitos gavieiros, aumentou a dependência da população relativamente ao exterior, no que concerne ao consumo.

Muitos gavieiros beneficiam de pensões de reforma que recebem sobretudo do estrangeiro, pois na freguesia não há casa que não tenha familiares diretos ou parentes afastados ou próximos emigrados, sobretudo em França, Suíça, Andorra e Estados Unidos da América. Em razão do rendimento que possuem, muitos gavieiros, quando chegam à idade da reforma, regressam a Portugal para trabalhar, sobretudo em atividades relacionadas com a pecuária. No lugar de Rouças há famílias que decidiram regressar, o que contribui para a revitalização demográfica e social do lugar e da própria freguesia.

Uma percentagem significativo de famílias possuem gado bovino (que em alguns casos ultrapassa as 200 cabeças) que pasta livremente no monte baldio que se estende por largas dezenas de quilómetros. Esta freguesia possui a maior área de baldio do concelho de Arcos de Valdevez. O gado bovino é uma das maiores fontes de receita dos gavieiros, sobretudo das famílias que possuem raças autóctones, nomeadamente, a cachena e a barrosã. Os subsídios que recebem são provenientes da União Europeia. Por via do muito gado bovino existente, os campos quer nas brandas, quer nos lugares fixos são deixados em pousio, tendo em vista a produção de feno para alimentar o gado durante o ano. Muitas famílias, devido ao facto de terem muito gado, não produzem feno suficiente para o alimentar e sentem necessidade de o comprar na vizinha Galiza.

Nas freguesias serranas do concelho de Arcos de Valdevez, por via das condições climáticas e da orografia do terreno, a prática agrícola reveste-se de características peculiares. Os socalcos construídos depois da introdução do milho maiz na região, permitem quebrar o pender, aumentar significativamente o terreno arável e facilitar a rega. Muitos dos campos são em socalco e de pequenas dimensões, o que dificulta amiúde a entrada dos tratores e de outras máquinas agrícolas. Com o passar dos anos a acessibilidade aos terrenos foram melhoradas, o que possibilitou a entrada e saída das máquinas e o transporte do feno. Na opinião de (Rey, 2000: 31) a origem das brandas pode, porventura, estar relacionada com “a intensidade da vida pastoril [que] terá contribuído para desenvolver um ponteadado de cabanas e cortes, situadas sobretudo nas áreas privilegiadas em pastos frequentados principalmente durante o verão.” Outrora, nos terrenos das brandas era cultivado o centeio e a batata de excelente qualidade que era transportada em sacos e vendia-se nas várias freguesias do concelho. Atualmente, os terrenos ficam em pousio e são aproveitados para feno, devido ao muito gado bovino que existe e que é preciso alimentar, sobretudo, nos meses frios de inverno. Nos referidos meses, muito do gado bovino que pasta diariamente na serra desce ao lugar fixo e fica abrigado nas cortes.

Por sua vez, os campos da veiga junto aos lugares fixos são cultivados e aí é semeado milho maiz (originário da América) que substituiu a cultura cerealífera baseada em cereais de sequeiro como o milho miúdo ou painço, o centeio e o trigo. Nos dias de hoje, nas brandas os terrenos são deixados em pousio e durante o verão o feno é cortado e, depois de seco, é guardado nos palheiros.

O gado bovino, nomeadamente, as raças cachena e barrosã predominam no concelho, em particular, nas freguesias serranas. As ditas freguesias possuem uma extensa área de baldio e o gado pode pastar livremente, não sendo necessário gastos acrescidos com ração e feno. No

entanto, os donos do gado têm necessidade de fazer vigilâncias periódicas ao mesmo para evitar que o lobo possa matar os animais.

Há também na Gavieira gado estabulado, nomeadamente nas brandas que precisa de um trabalho diário para o alimentar e manter devidamente higienizado. A vida das populações serranas gira ao redor do gado e das tarefas agrícolas e muitos dos rendimentos que auferem resultam dessas atividades.

No que diz respeito à caracterização demográfica, importa dar conta de que, segundo o último recenseamento geral da população realizado em 2011 (INE, 2011), a Gavieira tinha uma população residente composta por 298 indivíduos, sendo 128 do sexo masculino e 170 do sexo feminino. O lugar de Rouças - à semelhança daquilo que se verificou nos censos anteriores - continuava a ser aquele que apresentava um maior número de indivíduos, 47 homens e 53 mulheres, o que perfazia um total de 100 indivíduos. Por sua vez, o lugar de Tibo era aquele que estava mais despovoado, registando um total de apenas 25 indivíduos, dos quais 8 eram homens e 17 mulheres. Esta tendência de despovoamento era ainda muito acentuada no lugar do Baleiral, que registava um total de 31 indivíduos. Os lugares da Gavieira e da Peneda apresentavam um número de indivíduos relativamente próximo.

Continuando na análise dos censos de 2011 (INE, 2011), e tendo em conta a distribuição da população residente na freguesia, segundo o grau de instrução, verificámos que havia 52 indivíduos sem nenhum nível de escolaridade, sendo contabilizados os indivíduos com 10 ou mais anos. O número de indivíduos do sexo masculino era bem mais significativo, 39 homens e 16 mulheres. Particular destaque merece o número de indivíduos que possui apenas o 1.º ciclo, 180; 16 tinham apenas o 2.º ciclo; 32 o 3.º ciclo; 13 indivíduos o ensino secundário; 2 o ensino pós-secundário e 3 o ensino superior. Os valores apresentados, permitem-nos intuir que uma percentagem significativa da população da freguesia da Gavieira era analfabeta ou possuía apenas o 1.º ciclo. A taxa de analfabetismo era de 19, 03%. Parece-nos razoável conjecturar que o baixo grau de instrução da maioria dos habitantes se prende com duas ordens de razões. Outrora, a aposta no capital escolar não era entendido, por parte dos pais, como condição para aceder a uma carreira profissional de sucesso. A principal preocupação demonstrada pelos pais era a de que os filhos trabalhassem em atividades ligadas ao setor agrícola, funcionando desta forma como uma importante fonte de receita para o agregado familiar. Por outro lado, a maioria das famílias desta freguesia serrana - assim como muitas outras - não tinham possibilidades económicas para que os filhos pudessem estudar, até porque não havia estrada que possibilitasse a viagem até à sede do concelho e as viagens faziam-se pelos carreiros íngremes e sinuosos da Serra de Soajo. Perante este cenário, não resta(va) outra alternativa aos gavieiros senão contrabandear (como acontecia outrora), emigrar e deslocarem-se para as cidades, como forma de fazer face às dificuldades económicas com que se confrontavam. Atualmente, o não investimento no capital escolar também está relacionado com a elevada taxa de desemprego que muitos jovens enfrentam depois de terminarem os ensinos secundário ou superior. Alguns jovens da freguesia com quem conversámos disseram-nos que agora de pouco vale estudar, pois já há muita juventude que estudou muito e tem de se sujeitar a fazer qualquer coisa e amiúde que nada tem a ver com o seu curso.

Retomando a análise dos censos 2011 (INE, 2011) concernentes à população residente economicamente ativa (sentido restrito) e empregada, segundo o sexo e o ramo de atividade e taxas de atividade, verificava-se que no setor primário trabalhavam 39 indivíduos; no secundário 8 e no terciário 28. Comparativamente aos censos anteriores (1991, 2001), continua a verificar-se que a maioria da população trabalha em atividades ligadas ao setor primário, sendo a agricultura e as tarefas relacionadas com a vigilância e alimentação do gado bovino (com destaque para as raças cachena e barrosã), as predominantes.

Fazendo a análise da distribuição da população residente por lugares, verificamos que na faixa etária dos 0 aos 4 anos, havia apenas três crianças no lugar da Peneda; dos 4-9, 6 crianças e 4 delas residiam no lugar da Peneda. Quando passamos para a faixa etária dos 14-19 anos, o lugar de Rouças, com 6 crianças, era aquele que tinha um maior número. Este lugar era aquele onde existia uma maior percentagem de população jovem, pois na faixa etária dos 20-64 havia 60 indivíduos, sendo o lugar de Tibo, com apenas 6 indivíduos, aquele que apresentava um menor número. Por sua vez, o lugar da Gavieira, com 43 indivíduos era o que possuía o maior número de indivíduos com mais de 65 anos.

No decurso do século XX e no dealbar do século XXI, na freguesia tem-se verificado uma contínua sangria populacional que se acentuou a partir da segunda metade do século XX (como demonstrámos em Pinto (2002: 27-30) e (2005: 67). Entre os fatores que contribuíram decisivamente para esse fenómeno destacam-se os seguintes: a intervenção estatal nos baldios (encetada nas décadas de 40/50); o grande fluxo migratório dos gavieiros (nas décadas de 60, 70 e 80 do século XX) a que se juntou o êxodo rural; baixa taxa de natalidade (e que os últimos censos vêm corroborar), o que conduziu à não renovação das gerações e, por último, mas não menos importante, a elevada taxa de mortalidade. Uma profunda alteração na demografia regista-se a partir de meados do século XX. Inicialmente verificou-se uma regulamentação dos baldios e subsequentemente com a guerra no Ultramar e as políticas de incentivo à imigração para os países do centro da Europa (paralelamente com a urbanização da população) é visível um abandono das terras e um acentuado êxodo rural. A crescente terciarização da economia deu o golpe de misericórdia às freguesias do interior português. Simultânea e consequentemente dá-se uma alteração profunda na fisionomia do território da Gavieira que se materializou, por exemplo nas novas construções e nos restauros efetuados pelos emigrantes.

Contexto territorial

Local Gavieira, Arcos de Valdevez

Classificação geográfica Gavieira

NUTs Minho-Lima

Contexto temporal

Data(s) 21 de março, 11 de julho e 10 de agosto

Periodicidade Anual

Caracterização

Caracterização síntese

A Romaria de S. Bento do Cando tem o seu centro geográfico na freguesia serrana da Gavieira, na branda de S. Bento do Cando, concelho de Arcos de Valdevez, distrito de Viana do Castelo. A romaria remonta, provavelmente, à segunda metade do século XVII, pois a capela de S. Bento foi mandada edificar por capítulo de visitação em 1651. A Romaria realiza-se em três momentos anuais: o primeiro celebra-se a 21 de março, dia em que se lembra a morte de S. Bento; o segundo tem início no dia 3 de julho, com a celebração da novena, que termina no dia 11, com a celebração da eucaristia, sermão e procissão do adeus. Neste mesmo dia, celebra-se a transladação das relíquias mortais de S. Bento. Um terceiro momento festivo foi introduzido, em 1997, pelo padre Manuel Domingues, no dia 10 de agosto, destinado aos emigrantes. Na presente candidatura, vamos dedicar particular importância à romaria de julho.

Os devotos que se deslocam à romaria são oriundos, sobretudo, dos concelhos de Melgaço, Monção, e de algumas freguesias serranas de Arcos de Valdevez, movidos pelo propósito de pagar as suas promessas ou agradecer a S. Bento alguma graça que este lhes concedeu. Outros participantes deslocam-se à romaria com o objetivo de usufruir da sua componente profana, composta por um grupo pop/rock e cantares ao desafio, ao som das concertinas e de castanholas.

Na romaria de julho, cumprir a novena ou a meia novena, assistir às missas, sair em procissão, rezar no altar de S. Bento, alugar um ou vários ex-votos, dar nove ou mais voltas ao redor da capela com os ex-votos na mão, ou rezar o terço em surdina, são alguns dos rituais que o romeiro realiza e que visam pagar uma ou várias promessas, não apenas por si, mas por algum familiar próximo.

Na componente religiosa da romaria assume particular relevância a celebração da novena, que se prolonga por nove dias, com início no dia 3 de julho e que termina no dia 11 do mesmo mês. Até ao ano de 2017, a novena iniciava-se às 20 horas do dia 3 e era retomada às 6 horas da manhã do dia seguinte. Depois, os romeiros só regressavam novamente às 20 horas do terceiro dia. A novena é uma prática ritual de forte pendor religioso e místico, composta por cânticos e rezas estipuladas desde há muito tempo e é dirigida pelo pároco da Gavieira, que também assume as funções de presidente da Mesa Administrativa de S. Bento do Cando.

Relativamente à novena, importa dar nota de que, a partir do ano de 2017, o padre César Maciel introduziu uma mudança nos horários da mesma, passando esta a começar todos os dias às 20 horas.

No dia 10 de julho regista-se uma maior afluência de romeiros, pois, para além da missa da novena, é celebrada uma outra missa, a outra hora. Na noite desse mesmo dia, realiza-se a procissão das velas, com início às 21:30h, da qual fazem parte várias bandeiras e andores. A procissão vai dar a volta ao cruzeiro, localizado no fundo da “branda”.

Depois da procissão, começa o arraial, onde podem ver-se tocadores de concertina e ouvir-se cantares ao desafio. Entre os anos de 1983 e 2017, a Mesa Administrativa contratava um grupo pop/rock que animava o arraial.

A Romaria de S. Bento do Cando termina no dia 11 de julho, com a celebração da eucaristia, sermão e, no final, a procissão do adeus que vai dar a volta ao cruzeiro, situado num largo, ao fundo da “branda”.

Caracterização desenvolvida

A Romaria de S. Bento do Cando tem o seu centro geográfico na freguesia serrana da Gavieira, na branda de S. Bento do Cando, concelho de Arcos de Valdevez, distrito de Viana do Castelo, arquidiocese de Viana do Castelo. A romaria remonta, segundo as informações mais seguras, ao século XVII (importa sublinhar que a capela foi mandada construir por capítulo de visitação, em 1651) e realiza-se em três momentos anuais, celebrando-se o primeiro a 21 de março, dia em que se lembra a morte de S. Bento. O segundo tem início no dia 3 de julho, com a celebração da novena em honra de S. Bento do Cando, terminando no dia 11, dia principal da Romaria, com a celebração da eucaristia, sermão e procissão do adeus. Nesse mesmo dia, celebra-se a transladação das relíquias mortais de S. Bento. Há ainda um terceiro momento festivo, no dia 10 de agosto, introduzido em 1997, pelo pároco, padre Manuel Domingues. Esta última romaria é sobretudo destinada aos emigrantes locais e alguns forasteiros.

A segunda data da Romaria de S. Bento do Cando integra o calendário anual das festividades religiosas cíclicas que decorrem em todo o Alto Minho, durante a época de verão. Durante nove dias do mês de julho, as populações dos concelhos de Melgaço, Monção e Arcos de Valdevez,

deslocam-se à branda de S. Bento do Cando, para cumprir a novena, a meia novena, pagar as suas promessas ou pedir proteção e saúde para si e para os seus familiares. Repetem este ritual ano após ano, para se encontrarem e falarem de perto com S. Bentinho ou Senhor S. Bento, como carinhosa e respeitosamente o tratam. Uma outra característica desta romaria, comum a outras festas religiosas de montanha (em locais isolados das povoações ou onde a distância de origem dos romeiros não possibilitava conciliar a frequência das novenas preparatórias com a pernoita nas suas próprias casas), é a de existirem habitações, na “branda” do Cando, nas imediações do Terreiro da Capela, destinadas à permanência dos romeiros durante as cerimónias religiosas. A essas habitações é dado o nome de “quartéis”. Quem faz a gestão destes “quartéis” são os mesários pertencentes à Mesa Administrativa de S. Bento do Cando, havendo, neste caso, quartéis destinados às freguesias de onde tradicionalmente é oriundo o maior número de romeiros. Ou seja, os romeiros destas freguesias já sabem quais os “quartéis” correspondentes a cada uma delas e fazem a reserva, para poderem ali permanecer durante o ciclo festivo. Este facto dá uma envôlvia particular aos eventos celebrativos, sejam eles religiosos ou os que decorrem entre essas celebrações. A permanência destes romeiros na comunidade altera a demografia da mesma, durante um certo período de tempo. Apesar de curto, este revela-se, no entanto, como o tempo suficiente para se afirmarem novas sociabilidades.

À Grande Romaria de 11 de julho acorrem muitos romeiros e forasteiros das freguesias vizinhas, numa prova de fé, marcadamente influenciada pelo contexto social e ecológico onde se inserem. O contexto envolvente foi, durante séculos, marcado por uma agricultura de subsistência e de pastoreio. Mesmo na atualidade, em que as grandes transformações provocadas pela fortíssima emigração alteraram os laços sociais e as relações com o mundo rural, a comunidade, pelo seu extremo isolamento, tem muita dificuldade em dialogar com os novos estilos de vida, sendo uma imagem das profundas contradições entre a antiga comunidade rural e de montanha e as novas expectativas de vida dos mais jovens ou dos regressados da emigração. As celebrações religiosas acontecem entre a profunda tradição herdada com a crença assumida e o processo de secularização que introduz na romaria outros sentidos e outras atitudes dos forasteiros.

O facto do lugar onde está a capela de S. Bento ser um local de montanha, dentro do complexo montanhoso da Serra de Soajo, dentro de uma organização do espaço de residência que expressava uma tradicional alternância de residir entre habitações (havia umas para o inverno, as “inverneiras”, e outras para o verão, as “brandas”), influenciou a permanência de práticas associadas à religiosidade popular, bem como propiciou um grau de familiaridade entre as comunidades vizinhas, onde o mesmo sistema de residência era comum. Algumas “brandas”, com o decorrer do tempo, transformaram-se em residências fixas, mas aquelas que permaneceram e estavam associadas a capelas e práticas religiosas de grande expressão festiva destacaram-se e constituem ainda uma atração para todos os romeiros vizinhos. Esta romaria tem, desta forma, características peculiares, sobretudo pelo facto de se realizar numa “branda”, localizada dentro do Parque Nacional Peneda-Gerês que é também uma Reserva Mundial da Biosfera.

O topónimo Cando é referenciado desde o século XIV e, porventura, mesmo antes da construção da capela, visto que já existia um nicho onde se prestava culto a S. Bento. O século XVII foi, segundo a informação mais segura, o marco temporal importante durante o qual se desencadeou e depois disseminou o culto a S. Bento, na localidade, uma vez que, em 1651, se mandou construir a capela, que devia ser de reduzidas dimensões. Um elemento relevante a ter em conta para a afirmação do culto e para a preponderância do espaço, apesar da sua localização relativamente remota, é o facto de a “branda” do Cando estar dentro do percurso percorrido pelos monges beneditinos que circulavam entre o Cenóbio do Ermelo (junto do rio Lima) e os restantes mosteiros que se seguiam até Celanova (Galiza).

O costume, no passado, de se fazer a viagem a pé, pelos caminhos e carreiros da serra, foi sendo transmitido de geração em geração e constitui uma das características mais fortes da experiência da romaria, destacada pelas populações serranas que a frequentavam. O percurso era penoso e, quase sempre, demorado, até chegar à branda de S. Bento do Cando. Grande parte da ‘magia’ colocada nesta experiência do romeiro definia tanto a vontade de fazer o percurso, como o sentido do sacrifício prometido, em paga da graça recebida. Na atualidade, apesar das vias de comunicação terem sido extraordinariamente modificadas e facilitarem o acesso, bem como a existência de outros tipos de mobilidade disponíveis, no imaginário das pessoas ainda há referências à experiência do passado, mesmo nos que se deslocam em viaturas automóveis. No entanto, marca indelével desse imaginário, muitos são ainda os romeiros que percorrem os

caminhos das montanhas (a pé ou a cavalo), seja porque o fazem assumindo a experiência de uma romaria onde querem sentir o contacto com a natureza e viver uma experiência espiritual, só possível pela realização do percurso a pé, seja porque querem reavivar uma herança cultural, onde o sentido patrimonial e lúdico se impõe ao religioso.

A Romaria foi, outrora, e continua a ser, na atualidade, um importante lugar para estabelecer relações de enamoramento, em particular durante o arraial, por via da sua sobejamente conhecida capacidade de reunir pessoas nas imediações da capela de S. Bento. O momento da festa, associado ao contexto espacial e à tradição herdada, ainda está muito marcada, na atualidade, por esta experiência da excitação do encontro e do folguedo, onde a sensualidade é claramente expressa.

A Romaria de S. Bento do Cando, no dia 11 de julho, dia da festa principal, celebra alguns rituais que a caracterizam. O primeiro é o da chamada novena preparatória. A comunidade, os vizinhos mais próximos e os que estão hospedados nos quartéis, participam, todos os dias, na celebração da novena. Atualmente, aqueles que têm automóvel e, apesar da distância, têm promessas, deslocam-se todos os dias à celebração da novena. Esta preparação, com o tempo que decorre entre o seu início, no dia 3 de julho, até ao dia 11, dia principal, transforma a vida na “branda” do Cando, sendo um elemento fulcral para o sentido da vivência de uma experiência comum, num local isolado. Para muitos romeiros, esta paragem nas suas vidas quotidianas representa uma maior aproximação à crença religiosa e à relação com o santo milagreiro, S. Bento. O convívio, a partilha de informação e de saberes, o ter um espaço comum, seja no quartel, seja no terreiro, ao largo da capela, fazem parte desta experiência religiosa e social, o encontro entre pessoas de freguesias relativamente distantes. As pregações envolvem os crentes, sendo que o padre pregador é avaliado pela sua performance e capacidade de dar a conhecer a vida de S. Bento. Isso, para os romeiros, é fundamental para o sucesso da novena.

Na véspera do dia principal, depois da celebração da missa, decorre um outro ritual importante - uma procissão de velas, que sai da capela e vai dar a volta a um cruzeiro, localizado ao fundo da “branda”. Depois, faz o percurso inverso, até entrar no caminho que passa no interior da branda e que vai desembocar na capela.

O arraial que se segue à procissão é tão importante como os rituais religiosos, para a afirmação da comunidade e para congregar os romeiros exteriores a ela ou os simples forasteiros que procuram, nessa noite, o tão esperado convívio. É a oportunidade para os cantos e danças, entre a música popular e os instrumentos mais comuns nestas circunstâncias: a concertina, o bombo, os cavaquinhos, reque-reques, entre outros. Formam-se grupos de tocadores e de cantores ao desafio, assim como outros de dançadores. De ambos se aproximam as pessoas, umas para avaliarem as performances dos participantes, outras para se agregarem ao canto ou à dança. Se, no passado, a noite era longa e os festejos se prolongavam até o sol nascer, nos tempos mais recentes, a capacidade de resistência é menor, pois as pessoas implicadas são menos e o entusiasmo esfria com a busca do conforto, não havendo quem não tenha local para pernoitar.

No dia 11 de julho, principal dia da romaria, as celebrações iniciam-se pelas 11h da manhã, com o ritual da celebração da missa e sermão em honra de S. Bento. Após terminar a missa do dia 11 de julho, sai à branda a procissão. De manhã, ainda cedo, chegam os romeiros que se dirigem à Casa da Mesa Administrativa, para pagar as suas promessas, que se materializam quer no aluguer de ex-votos, pagar cera (meia dúzia de velas, por exemplo), quer no acender velas no queimador de cera, oferecer cravos, ou uma determinada quantia em dinheiro. Verificámos que o aluguer de ex-votos representativos de animas, vacas, cabras ou porcos, por exemplo, é residual, comparativamente ao que ocorria outrora, em que todas as casas tinham um ou mais animais domésticos que podiam ser acometidos por diversas doenças.

Depois do aluguer do(s) ex-voto(s), os devotos rezam, em surdina, com o rosário na mão, e ambulam ao redor da capela, dando nove ou mais voltas, sempre em sentido contrário ao dos ponteiros do relógio. Depois, entram na capela e rezam, ajoelhados, junto da imagem de S. Bento que está no altar-mor. Depois de lá permanecerem algum tempo, devolvem os ex-voto(s) alugado(s) na Casa da Mesa Administrativa.

Logo após cumprirem as suas promessas e ofertarem as suas esmolos, os romeiros fazem compras nas tendas de comércio ou assistem à arrematação das ofertas a S. Bento. Essa arrematação é feita em cima de um banco de granito que está encostado à parede da Casa da Mesa Administrativa. Por volta das 11h da manhã, à medida que se vai aproximando a hora do início da missa da romaria, começa a haver uma maior afluência de romeiros. A missa é campal, contando com a

presença de três padres. Inclui um sermão, onde o padre tece várias considerações sobre a biografia de S. Bento e refere os milagres operados por este. Terminada a missa, organiza-se a procissão. Esta vai dar a volta ao cruzeiro, situado num largo, ao fundo da branda, e regressa à capela, percorrendo o trajeto inverso, entrando depois num caminho interior. A procissão inclui dois ou três andores (S. Bento, Santa Bárbara e S. Brás) e algumas bandeiras. Integram ainda a procissão os anjinhos, os devotos amortalhados, a fanfarra e a banda filarmónica. No final da procissão, os romeiros saem apressados e escolhem um lugar sossegado e com sombra, para fazerem o piquenique. Durante a tarde do dia 11 de julho, as portas da Casa Mesa Administrativa fecham-se, para se contar o dinheiro das ofertas, sendo a comunidade posteriormente informada do saldo obtido na Romaria.

Origem/Historial

A “branda”, onde se localiza a capela de S. Bento e se realizam três festas anuais, terá sido inicialmente uma branda de cultivo que evoluiu e se transformou numa povoação de habitação permanente. Esta “branda” é, atualmente, uma verdadeira aldeia qualificada, mas onde, no rigor do inverno, persiste a transumância diária. À exceção da “Pomba”, local abandonado, todas as povoações referidas na documentação histórica foram, até há pouco tempo, conhecidas e utilizadas como “brandas”: a de Santo António de Vale de Poldros, da Aveleira, de S. Bento do Cando, da Bouça dos Homens. A transformação, nas últimas décadas, de algumas delas em local de residência fixo pode ser um regresso à provável antiga utilização das mesmas como sítios, não de habitação sazonal, mas de utilização permanente. Segundo Pintor (1981: 20-21), o Cando seria, à data, “[...] possivelmente [...] povoação de permanência e não simples veranda. A mesma coisa se diga de Val de Poldros (Riba de Mouro), que também nessa altura seria povoação fixa, pois no documento se nomeiam diversos foreiros dali e se lhe chama aldeia.”

A capela foi mandada construir por capítulo de visitação em 1651, o que nos permite colocar objeções ao argumento de Pintor (1981: 5), que a enquadrava:

“[...] na Terra do Soajo medieval com um mosteiro da Ordem de S. Bento em Ermelo, mosteiro filial de outro mosteiro da mesma Ordem de S. Bento em Fiães, da então vizinha terra de Valadares, mosteiros que ambos eram donos de herdades nessas paragens serranas do Cando, Pomba, Aveleira e Bouça dos Homens dos então Montes de Laboreiro.”

Advoga ainda o investigador que, desde o século XIII, o sítio do Cando faria parte dos domínios senhoriais de um destes mosteiros beneditinos (ou Ermelo ou Fiães). Dados os preceitos normativos desta ordem religiosa, é muito provável que o povoamento e a exploração agrícola da “branda” de S. Bento do Cando esteja proximamente relacionada com esta filiação no mosteiro beneditino de Ermelo ou diretamente de Fiães. Segundo o mesmo autor, a capela de S. Bento do Cando teria sido, muito provavelmente, fundada pelos monges do mosteiro de Ermelo, na Idade Média, para servir os cultos dominicais e, até à atualidade, as festas religiosas anuais.

O autor atrás citado sustenta que o culto a S. Bento do Cando remonta ao século XIV, o que não corresponde à verdade, uma vez que a data da construção da capela é posterior ao século aventado pelo autor. Por sua vez, Almeida (1987) defende, de modo equívoco, que a capela é do século XVIII. Há uma referência à mesma em meados do século, o que pode ser suportado por Capela:

“Tem quatro ermidas, que bem a ser, huma no cimo do lugar de Rouças com a invocação de Santo Antonio, outra no cimo do lugar de Tibo com a invocação do Espírito Santo, outra no sítio chamado do Cando com a invocação de S. Bento, outra no sítio da Peneda de invocação de Nossa Senhora das Neves, esta tem confraria de irmãos e huma e outra pertencem à mesma de São Salvador da Gavieira.

Acodem a estas duas ermidas de S. Bento e de Nossa Senhora da Peneda desde vinte de Junho até vinte de Setembro gente bastante de romagem.”

Em 1758, S. Bento do Cando era já um centro importante de romagens, segundo transmitiu o padre Manuel Esteves, cura desta freguesia, ao fazer referência às suas capelas, uma das quais no sítio chamado Cando, com a invocação de S. Bento do Cando e outra na Peneda, invocando Nossa Senhora das Neves. A estas duas ermidas de S. Bento e de Nossa Senhora das Neves da Peneda afluíam numerosos devotos, desde 20 de junho até 8 de setembro. Na mesma altura, criou-se uma irmandade que ainda existe e vem já mencionada em 1795, no tomo da freguesia de Soajo. Descreve a freguesia da Gavieira no sítio da branda do Cando, a capela de S. Bento com irmandade, e diz que serve para a celebração da missa, em que os crentes se juntam nos dias 21 de março e 11 de julho, dias dedicados ao mesmo glorioso Santo Patriarca, assim como em outros dias do ano.”

A transcrição do tomo do Soajo, datado de 1795, revela um culto bem implantado na época:

“Aos dezanove dias do mês de Setembro de mil e sete sentos e noventa e cinco annos em a branda do cando que a freguezia da Gavieira a donde eu escrivão deste Tombo fui vindo por ordem e mandatto do Doutor Jacinto Luís de Barboza Lobo de Castro Juis delle e em formadores João Gonçalves Taças e João Domingues de Carvalho para efeito de se medir a Capella que se acha sita nesta mesma branda e com a ivocação de S. Bento da Cando a qual tem de comprido do norte ao sul pella parte do nasente onze varas e dois palmos e de largo pella parte do norte coatro varas menos hum palmo por fora tem de largo na fronteira pella parte do sul de fora sinco varas e dois palmos tem de comprido pella parte de dentro athe o altar dêz varas e dois palmos tem de largo nas portas travessas pella parte de dentro coatro varas e [fol. 37] varas e dois palmos estas varas de sinco palmos cada huma. Tem no altar principal S. Bento do Cando imagem muito devota a que concorrem em Romaria nos seus dias de Março e Julho muitos devotos com ofertas de que se fundou e cresceo irmandade que se conserva. Tem mais a mesma capella dois altares culatrais em que dizem misa com os apartamentos nesarios e hum púlpito de pedra da parte de fora.”

Pela consulta da documentação, pudemos apurar que a capela possuía uma torre, com um dos sinos datado de 1751. Em 1795, há a referência documental à capela de então, minuciosamente descrita pelo tomo, com menores dimensões em comprimento, sem sacristia, com um altar-mor com a imagem de S. Bento do Cando, dois altares colaterais e paramentos, referindo-se a celebração de missas, simultaneamente no altar-mor e nos colaterais, e um púlpito de pedra no exterior que, como se disse, passou para o interior. Dentro do templo, o púlpito é o espaço a partir do qual eram proferidas as homilias e sermões. Tinha confraria própria e capelão permanente, que vivia das contribuições do povo e das esmolos dos devotos.

O inquérito paroquial de 1842 refere que a capela de S. Bento do Cando estava no lugar da “veranda”, cujo nome habitualmente pronunciam “branda”. A irmandade, para promover o incremento da devoção a S. Bento, obteve do Papa Gregório XVI, em 1840, a concessão de indulgência plenária aos crentes que ali fossem a 21 de março e a 11 de julho, desde que se confessassem, comungassem e cumprissem as outras condições impostas. No inquérito de 1845, o arcebispo dos Arcos de Valdevez informou que a capela de S. Bento, sita no alto monte do Cando, está segura, limpa, asseada e tem os paramentos necessários.

Arquiteticamente, a capela apresenta uma estrutura de linhas simples, de pedra talhada. Segundo o Roteiro Sobre o Património Arcuense, a capela caracteriza-se por uma planta retangular, de nave única, com sacristia de igual morfologia, anexa à parede este da cabeceira, incluindo igualmente uma torre sineira. A planta retangular compõe-se de dois corpos distintos, correspondendo à nave e à capela-mor, de área mais reduzida que aquela. Do lado do Evangelho foi adossada a sacristia. A fachada principal divide-se em dois registos, sendo rematada lateralmente por contrafortes. No primeiro, foi rasgado o portal, de moldura retangular, sem decoração, acompanhado por duas janelas retangulares. O conjunto é rematado por frontão triangular, rasgado ao centro por uma luneta.

A nave, que constitui um espaço único, é coberta por uma abóbada de berço, não possuindo elementos decorativos. A capela-mor é revestida pela cúpula, decorada com pintura mural de motivos de brutesco, representando os símbolos do padroeiro, a mitra, o báculo e o cálice, bem como a cruz de Avis, numa possível referência à ordem donatária do pequeno templo. Em 1897, provavelmente, ocorreu a ampliação, por avanço da nave e eventual substituição do púlpito exterior pelo interior. No entanto, a ampliação que é visível é a da transição dos finais do século XVIII para a ampliação de finais do século XIX.

O aparelho de pedra parece antigo, embora os cunhais e cornijas sejam do século XVIII. Nas fachadas laterais, são visíveis a colagem e a sobreposição de épocas de construção, o que ajuda a

sustentar essa teoria, também comprovada por documentos de medição do templo. Em termos arquitetónicos, é possível perceber a evolução do templo cuja fachada principal é claramente dos séculos XVIII-XIX, havendo igualmente referências mais antigas à capela.

O espaço sagrado possui atualmente quatro imagens de S. Bento do Cando contemplando os devotos que lhe prestam culto. Três das imagens estão na capela, uma no altar-mor, no interior da capela, outra por cima da porta principal da capela e ainda uma fotografia que está num nicho, do lado nascente da sacristia. A quarta imagem encontra-se no interior de um outro nicho, na Casa da Mesa Administrativa. Apesar da existência de quatro imagens, o povo apenas presta culto a duas delas, precisamente a esta última que se encontra na Casa da Mesa e à do altar da capela, ambas em terracota.

A imagem que está no interior de um nicho, na Casa da Mesa Administrativa, é a única que se transporta no andor, nas procissões que se realizam aquando das festas em honra de S. Bento. Todas as outras permanecem sempre nos mesmos lugares. Importa referir um detalhe curioso, o de que estas imagens são desprovidas de manto.

Ao coro da capela podemos aceder por uma porta lateral, localizada no seu exterior. Em determinadas ocasiões, como no decurso da festa, pode entrar-se pela porta lateral, voltada para este. Em frente à capela, é habitual instalar-se um alpendre com a finalidade de proteger os devotos da chuva e do sol excessivo.

Todo este espaço ganha particular vida durante a festa, com as atividades realizadas pelos crentes e com a movimentação dos visitantes, o que lhe confere um aspeto claramente distinto do que tem durante o resto do ano. Durante as festas, a capela transforma-se essencialmente num centro de devoção, com um interessante raio de influência, atraindo fiéis de várias proveniências, bem para além do Alto Minho, movidos pela crença de que hoje como outrora ali ocorrem milagres. O excerto seguinte ilustra bem este aspeto:

“S. Bento é muito milagroso. S. Bento nos livre de coisas ruins, dessas doenças estranhas. S. Bentinho olhe por nós. Nós andamos para aqui e nem sabemos o que temos dentro de nós” (Informante, 68 anos, julho de 2011).

A capela de S. Bento do Cando é, pois, um lugar de práticas sacrificiais e de manifestações do catolicismo popular. Como afirma Braga:

A tradição do povo das aldeias tanto vai da sua crença aos atos de fé, como vai da sua vida às práticas supersticiosas, levando à alma consolo de regras e amor de santos, ao corpo benzilhices e mixórdias de bruxedo e aos campos engenhos e animais inocentes de espantação para as coisas ruins e daninhas.

A capela apresenta-se, deste modo, como uma ponte, um veio de ligação entre o mundo sagrado e o profano. Esta vertente dual reveste-se de uma especial importância, reforçando os laços dos crentes com S. Bento do Cando. Neste contexto, a música, a feira ou as comidas assumem um papel primordial, complementando a própria novena.

A romaria atual mantém o figurino dos últimos dois séculos. A componente religiosa caracteriza-se pela celebração da novena que, até 2017, se iniciava às 6 horas da madrugada do dia 3 de julho, terminando no dia 11 do mesmo mês. Outrora, no tempo do padre Afonso, a novena começava ainda mais cedo, pois os romeiros precisavam de fazer a viagem de regresso para as suas casas e de chegarem ainda a tempo de realizarem as tarefas agrícolas e outras. Isto demonstrava uma forte ligação entre a componente religiosa da romaria e o calendário agrícola, na medida em que, nas freguesias do Alto Minho, na época estival, nomeadamente, nos meses de junho e julho, se verifica uma azáfama que se prende com o corte, secagem, transporte e arrumação dos feno nos palheiros ou num outro espaço onde se possam manter secos, quer nas brandas, quer nos lugares fixos. Esse feno servirá para alimentar o muito gado bovino, nos meses frios e húmidos de inverno. Importa dar nota de que, na estação fria, muito gado desce aos lugares fixos, para fugir da neve e do frio intenso que se faz sentir na Gavieira e em outras freguesias serranas dos concelhos de Arcos de Valdevez, Monção e Melgaço.

A referência mais antiga relativa ao ritual da novena em S. Bento do Cando remonta a meados do século XIX. Até à década de trinta do século passado, as novenas eram organizadas e geridas pelos próprios devotos. A título de exemplo, eram os romeiros que combinavam os cânticos, as orações a entoar e outros preceitos religiosos a realizar. Mas, após esta data, na senda da reorganização empreendida pelo papa Pio XII, o então pároco da Gavieira, o padre Matias Vaz, decidiu preservar esta prática religiosa já enraizada nos atos dos crentes. Também o padre Esteves defende que, ainda no tempo do padre Matias, era o povo que celebrava a novena, perpetuando um costume

enraizado há muitas décadas. Esta prática alterou-se, provavelmente a partir da década de 40, do século XX, quando o padre Manuel Afonso, que foi pároco da Gavieira por mais de 50 anos, chamou a si a celebração da novena e a organização da romaria.

Todavia, no ano de 2017, o padre César Maciel introduziu uma mudança no horário da novena, passando esta a começar todos os dias às 20 horas.

Os devotos que pernoitavam nos quartéis confeccionavam as suas refeições no próprio espaço da festa. Por sua vez, entre os romeiros que não pernoitavam na branda, havia uma pequena minoria que trazia o farnel e almoçava em família, num espaço ao redor da capela, ou que optava por comer no “batateiro”. Nesse tempo eram obrigados a trazer o farnel, porque não havia frangos ou outras comidas, como as que se vendem agora na romaria. Atualmente, sobretudo, nos dias 10 e 11 de julho, outros participantes na festa comiam no restaurante e nas tascas improvisadas próximo da capela. O rés-do chão dos quartéis era usado para servir comida no decorrer da romaria. As pessoas que vendiam comida vinham no dia nove à tarde e depois ficavam até ao dia 11. Eram servidos batatas com bacalhau ou arroz com carnes e de bacalhau, por exemplo. Também havia tascas onde se vendia comida e bebida.

O arroz de bacalhau era um prato muito servido na romaria e foi amiúde referido por alguns participantes na romaria de 2017. O café era feito numa chaleira antiga de ferro e depois era servido em pequenos copos de vidro. Na altura da romaria não faltava o barril com o vinho que antigamente era transportado no dorso das mulas. Havia tendas onde se vendiam doces e roscas, ao lado de fruta, numa mistura de cores e aromas que se confundiam. Estes produtos eram muito procurados. Outrora, havia também doceiras que vendiam doces tradicionais e, até há poucos anos, algumas senhoras vendiam as famosas roscas, confeccionadas com farinha de milho e ovos, polvilhadas com açúcar.

Alguns moradores mais idosos da freguesia da Gavieira disseram-nos que presenciaram e/ou ouviram os seus pais ou avós falarem de terem visto pessoas vivas metidas dentro de caixões. Estas promessas de funeral consistiam no transporte em procissão de uma pessoa no interior de um caixão. Era uma promessa que se formulava apenas quando os motivos eram muito fortes, perante situações extremas. E aqui falamos de indivíduos “à porta da morte”, muitas vezes sem qualquer possibilidade de cura, ou que eram considerados como estando nessa situação a pessoa por quem prometia. Perante a realidade descrita, não se prometia um enterro em troca de uma simples fratura óssea, uma dor de cabeça, o bom aproveitamento escolar de um filho, uma melhor situação financeira ou o sucesso de um negócio. Pina Cabral (1997b) advoga que a noção de sacrifício é essencial para compreendermos todas estas práticas que envolvem a utilização do corpo. Prometia-se algo doloroso, devendo o nível de sofrimento corresponder ao grau de dificuldade da graça alcançada. Com a realização destas promessas de funeral, os romeiros ofereciam ao santo uma representação metonímica do seu funeral que estivera na iminência de realizar-se. O romeiro oferecia a própria vida de forma simbólica e usava como recurso o simbolismo da morte. Esta era uma forma de reciprocidade, uma vez que ele esperava vir a receber essa força vital em dobro. (Pina Cabral, 1997a).

As promessas que envolvem performances mortificantes são promessas a que os devotos de S. Bento do Cando recorrem com frequência. Este tipo de promessas tem a sua origem em formas públicas de autoflagelação e encenação da própria morte, à qual S. Bento subtrai o indivíduo. Como forma de agradecimento, atualmente, o devoto faz-se transportar amortalhado, nas procissões. Importa referir que esta prática ritual substituiu as antigas promessas de funeral que era habitual verem-se na romaria de S. Bento do Cando. Assiste-se também a uma diminuição das ofertas em espécie (como, por exemplo: animais, ouro, cravos, sal e telhas) como forma de pagamento de promessas. Atualmente, como há um maior desafogo económico por parte das famílias, pode ver-se que as ofertas são quase exclusivamente em dinheiro, o que, de resto, é uma tendência que se tem acentuado nos últimos anos. Assim, “o dinheiro e o que com ele se pode obter tem vindo a tornar-se o deus mais procurado nas sociedades da modernidade inacabada. Com ele aspira-se a comprar tudo, a começar pela própria independência, felicidade e autonomia, o que favorece mais ainda o individualismo e as evasões reinantes, inclusive no âmbito do emocional” (Leandro, 2012: 636).

Passados quase quatrocentos anos após a edificação da capela de S. Bento do Cando (1651), os romeiros motivados e conduzidos pela fé continuam a percorrer longos e árduos caminhos, para chegarem ao espaço sagrado - a branda de S. Bento do Cando. Assim como na Idade Média, estes homens e mulheres de fé, devotos de S. Bento, abandonam, provisoriamente, a segurança do seu

lar, a freguesia onde residem e até mesmo, por vezes, a própria família, podendo-se quase afirmar que se tornam nómadas em corpo e em espírito. O objetivo é real e carece de ser cumprido. Na verdade, procuram o poder sagrado, capaz de proporcionar ordem à vida, para enfrentarem as limitações impostas pelo carácter efémero da existência e pelas suas contingências. Nesse sentido, recorrem a um lugar seguro e carregado de esperança. Deslocam-se à branda de S. Bento do Cando, com o fito de procurarem alcançar graças, porque a expectativa de obtenção da graça é o que sustenta uma devoção, pois santo que não faz milagres não é digno de devoção. Olham para a capela e para as imagens do santo, elegendo-as como o centro da devoção e das promessas e mortificações de ascese realizadas, pois acreditam que S. Bento lhes concede graças. Assim, os devotos que se deslocam à festa referem amiúde as graças que S. Bento lhes concedeu e continua a conceder. Pedem a intercessão de S. Bento para mitigar ou resolver os mais diversos problemas. Para além da cura de uma fratura óssea ou da cura de uma doença oncológica (este último é o principal motivo que leva os devotos à romaria), como nos confidenciou o testemunho emocionado de uma romeira, existe todo um conjunto de graças pedidas ao santo.

S. Bento do Cando, como observam os seus devotos, é advogado contra os “males ruins” e desconhecidos. Os males que afetam o corpo do homem e que com ele pareçam apresentar-se: tumores, verrugas, cravos, quistos, todas as saliências carnudas e cancerígenas. Para tudo isto, creem os romeiros que S. Bento tem virtudes terapêuticas. É no sagrado que procuram o conforto e o apaziguamento para os infortúnios da vida, com o intuito de obter respostas para as suas necessidades e angústias. Para além dessa motivação que leva os romeiros à Romaria, há outras que importa registar: promete-se por uma dor de cabeça que teima em persistir, por uma dor de dentes, uma queda, pelo bom aproveitamento escolar de um filho, para obter uma melhor situação financeira ou o sucesso de um negócio.

Usando, quase de uma forma indiferenciada, o conceito de graça e de milagre, os romeiros de S. Bento do Cando esperam, acima de tudo, que o pedido que fizeram se concretize. É o que motiva a promessa. A expressão dos romeiros usada sobre S. Bento do Cando “apegamo-nos a S. Bentinho” reflete a crença em que se vai obter uma interação direta com ele, baseada em trocas simbólicas, num processo de negociação.

E é neste mundo real que é realçada esta troca, servindo as dádivas como forma de pagamento da promessa. Para cumprir a promessa, o romeiro, normalmente, dá nove ou mais voltas ao redor da capela e sempre em sentido contrário ao dos ponteiros do relógio, pode também alugar um ou vários ex-votos na Casa da Mesa Administrativa e contribuir com uma oferta em dinheiro. Tivemos ainda oportunidade de observar que muitos romeiros, depois da promessa feita, participavam nas missas e procissões e deambulavam ao redor da capela, com ou sem ex-votos, rezando em surdina e acendendo velas.

Na Casa da Mesa Administrativa o devoto, quando aluga um ex-voto ou deixa uma oferta em dinheiro, é ainda comum tocar na imagem de S. Bento do Cando, o que pode ser entendido como uma prática ritual relacionada com o princípio da magia, o do contacto, ou magia simpática. Configura-se ainda como um ato de auto entrega, no qual o dar (carinho) prevalece sobre o receber (graças, ou fazer promessas, por exemplo), evidenciando a complexidade da devoção. Dentro dos “quartéis”, muitos devotos dormiam em colchões de palha de centeio que os moradores da branda ofereciam gratuitamente, pois nesse tempo semeava-se muito centeio na branda de S. Bento. Espalhavam a palha de centeio no chão e deitavam um cobertor por cima. Outros romeiros, que vinham a pé, ficavam na casa de pessoas amigas, porque toda a gente se conhecia na “branda”, em tempo de romaria.

Tempos houve, porém, em que não havia tantos quartéis como aqueles que existem atualmente. De acordo com os moradores da Gavieira, em determinados anos, em razão do elevado número de romeiros que acorria à festa, os quartéis existentes não eram suficientes para os albergar. Neste sentido, os romeiros viam-se obrigados a pedir alojamento a pessoas conhecidas que moravam na branda e que, gentilmente, as cediam gratuitamente ou a troco de uma quantia irrisória. Atualmente, a Mesa Administrativa de S. Bento do Cando tem ao seu dispor 14 quartéis, com cerca de 10 m² cada um, que albergam entre 3 a 8 pessoas, os quais foram reformulados ou reconstruídos, nos últimos anos. Os mais antigos, localizados à direita da capela, são quartéis com paredes de granito e o teto de madeira, com uma pequena janela ao fundo.

Não é apenas pelo que S. Bento fez em prol do devoto que este se vincula àquele, mas também porque o próprio devoto identifica características comuns entre ele e o santo, havendo uma certa afinidade que estimula e dissemina o culto. Nesta ordem de ideias, ser devoto implica, portanto,

ligar elementos da vida do santo com elementos da sua própria vida. Nesta região do Alto Minho, onde as relações de entreajuda, assentes em fortes redes de solidariedade e conhecimento, perderam a sua expressão no decurso do século XX, as relações com S. Bento continuam a assumir uma importância vital. Ao integrar as tradicionais redes de vizinhança, desenvolveu-se uma solidariedade comunitária, relativamente a esse santo. Produzida no interior da comunidade e reproduzida oralmente ao longo de gerações, esta forma de relação com S. Bento foi assumindo paulatinamente, um carácter de uso e costume, cujos contornos lendários se vão reforçando, por um lado, pela devoção a S. Bento e, por outro lado, pela sua eficácia taumatúrgica. Neste sentido, as narrativas lendárias e a própria capela de S. Bento do Cando, como lugares privilegiados da sua intervenção, emergem como estratégias constantes de legitimação da sua santidade. A capela de S. Bento do Cando é marcada por um forte poder místico, por um certo magnetismo espiritual e por uma beleza natural e arquitetónica ímpares, o que lhe confere poder como centro de devoção para atrair devotos e turistas. Os perigos, as dificuldades por que passam os romeiros ao enfrentarem as doenças, as curas miraculosas, as dificuldades vivenciadas (outrora, no decurso da peregrinação, realizada por carreiros íngremes e sinuosos na serra) reforçam e aumentam o magnetismo da dita capela. E esta, por sua vez, atendendo a que desempenha um papel importante na identidade local e regional, pode, porventura, ver aumentado o seu poder de atrair devotos, com o decorrer do tempo.

Contexto de Documentação

Data 2022-11-16

Entidade José Manuel Pereira Pinto

Responsável José Manuel Pereira Pinto

Função Técnico Superior

Observação Documentação da Relevância da manifestação

Direitos de Propriedade Intelectual

Direito à Imagem

Protecção de Dados Pessoais

Bibliografia

Bibliografia

Páginas

Afonso, A. J. F. (2020). "O culto a S. Bento da Porta Aberta (Rio Caldo, Terras de Bouro) como fator de desenvolvimento local e regional". (Tese de Doutoramento). Universidade de Santiago de Compostela. Lugo. Consultado em 7 de novembro, 2022, de: <http://hdl.handle.net/10347/23957>.

Afonso, M. J. (1993). "História do santuário e novena de Nossa Senhora da Peneda". (2.ª ed.). Arcos de Valdevez: [s.n].

Baptista, A. M. (2005). Apontamentos sobre as origens do Soajo e da Gavieira. 33-45 "Terra de Val de Vez", 17.

Barros, F. C. (2011). "Construção do território e a arquitetura na Serra da Peneda. Padrão (Sistelo) e suas "brandas": Um caso de estudo". (Dissertação de mestrado). Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Porto.

- Barros, F. C. (2012). A aldeia de Padrão (Sistelo) e as suas “brandas”: Ponto de partida para o estudo da constituição territorial e da arquitetura na Serra da Peneda. "Terra de Val de Vez", 19. 29-81
- Barros, F. C. (2013a). A constituição territorial na Serra da Peneda. Afinidades patrimoniais em território transfronteiriço galaico-minhoto. "Paisagens, Património e Turismo Cultural". Guarda: Âncora. 260-285
- Barros, F. C. (2013b). Architecture(s) in Serra da Peneda (Portugal): An approach to settlements on the territory. In M. Correia, G. Carlos, S. Rocha (Ed.), "Vernacular heritage and earthen architecture: Contributions for sustainable development. proceedings of CIAV 2013". 7th ATP, VerSus, Vila Nova de Cerveira, Portugal. CRC Press, Taylor and Francis Group, Balkema Book UK. 483-488
- Barros, F. C. (2013c). "Construção do território e arquitetura na Serra da Peneda. Padrão (Sistelo) e suas “brandas”: Um caso de estudo". Arcos de Valdevez: Município de Arcos de Valdevez.
- Barros, F. C. (2013d). A construção do território na Serra da Peneda. Comunicação apresentada ao III Encontro CITCEM Paisagem (I)Material, Org. CITCEM, Porto, 21 de novembro. Consultado em 18 de junho, 2018, de http://www.citcem.org/3encontro/docs/pdf/part_07/17%20%20Fernando%20Cerqueira%20Barros%20-%20TEXT0.pdf
- Braz, A. M. da S. (2009). "O mosteiro e a igreja do Ermelo: Património cisterciense esquecido no tempo". Braga: Faculdade de Teologia da Universidade Católica; Município de Arcos de Valdevez.
- Briones Gómez, R. (2011). Persistencia de la religión en una Andalucía secularizada. In A. Miguel Nogués, & F. Checa (Coords.), "La cultura sentida: Homenaje al Profesor Salvador Rodríguez Becerra". Sevilla: Signatura Demos. 79-98
- Caldas, E. C. (2016). "Terra de Valdevez e Montaria do Soajo". (2.ª ed.). Arcos de Valdevez: Município de Arcos de Valdevez.
- Callier-Boisvert, C. (2004). "Soajo entre migrações e memória: Estudos sobre uma sociedade agro-pastoril de identidade renovada". (2.º ed. rev. e aum.). Arcos de Valdevez: Câmara Municipal de Arcos de Valdevez.
- Campelo, Álvaro (2019). Viver e exibir o sagrado: palcos e bastidores da sacralidade na contemporaneidade. "Cons-Ciências", 06. Consultado em 2 de novembro, 2022, de: <http://hdl.handle.net/10284/7716>. 19-32
- Capela, J. V. (2005). "As freguesias do concelho dos Arcos de Valdevez nas Memórias Paroquiais de 1758". Arcos de Valdevez: Câmara Municipal de Arcos de Valdevez.
- Carvalho, E. M. G. R. (2003a). Lapas da Peneda. "Revista da Faculdade de Letras: Geografia", XIX. Consultado em 30 de junho, 2018, de <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/313.pdf>. 181-194
- Carvalho, E. M. G. R. (2003b). Paisagens e culturas no Lima. [S.l.]: [s.n.]
- Carvalho, E. M. G. R. (2004). Residência sazonal na Serra da Peneda: A Gavieira. In "Atas do V Colóquio de Geografia Portuguesa". Lisboa: Associação de Geógrafos Portugueses. Consultado em 15 de junho, 2018, de http://apgeo.pt/files/docs/CD_V_Congresso_APG/web/_pdf/E11-12_15Out_ElzaGoncalves.pdf.
- Carvalho, E. M. G. R. (2006). "Lima Internacional: Paisagens e espaços de fronteira". (Tese de doutoramento). Universidade do Minho. Braga. Consultado em 15 de junho, 2022, de: <http://hdl.handle.net/1822/6909>.
- Costa, A. J. (1981). Imagens, templos e mosteiros de São Bento na Terra de Valdevez. "Terra de Val de Vez", 3. 5-41
- Costa, T. C. (2002). "Vozes de mulheres em São Bento do Cando: Uma análise interpretativa dos discursos e práticas femininas em contexto de romaria". (Monografia final de licenciatura). Universidade Nova de Lisboa. Lisboa.
- Croatto, J. S. (2001). "As linguagens da experiência religiosa: Uma introdução à fenomenologia da religião". São Paulo: Paulinas.

- Geraldes, A. (1991). Estratégias matrimoniais num lugar serrano do noroeste. 49-78
"Cadernos do Noroeste", 4(6-7).
- Geraldes, A. (1994). A coletividade e o indivíduo: Identidades em diálogo. In 167-188
C. Callier-Boisvert (Dir.), "Ethnologie du Portugal: Unité et diversité: Actes du
colloque du 12-13 mars 1992". Paris: Centre Culturel Calouste Gulbenkian.
- Gomes, M. L. C. V. A. (1980). São Bento na tradição oral do povo arcuense. 32-78
"Terra de Val de Vez", 1.
- Gonçalves, N. (s.d.). S. Bento do Cando. Consultado em 20 de novembro,
2022, de
http://alfarrabio.di.uminho.pt/lindoso/Romarias/s_bento_do_cando.htm
- Leandro, M. E. (2012). Lógicas ultramodernas do societal e do religioso. 629-662
"Theologica", 47(2).
- Leandro, M. E., Leandro, A. S. & Cunha, M. A. (2014). Em busca de saúde. 265-286
Recursos religiosos e espirituais como significantes sociais. In M. E. Leandro, &
B. R. Monteiro (Coord.), "Saúde no prisma da sociologia: Olhares plurais".
Viseu: Psicosoma.
- Melo, M. H. P. A. (2007). Ermelo: Encontro na fé desencontro na vida. "Terra 9-44
de Val de Vez", 18, 9-44.
- Pina-Cabral, J. (1997a). O pagamento do santo: Uma tipologia interpretativa 79-104
dos ex-votos no contexto sociocultural do noroeste português. "Milagre q`
fez". Coimbra: Museu Antropológico da Universidade de Coimbra.
- Pinto, J. (2002). "Os santos esperam, mas não perdoam...": Um estudo sobre
a romaria da Peneda". [S.l.]: Edição do Autor.
- Pinto, J. (2004a, julho 10). Breves considerações sobre o santuário e romaria 13
de S. Bento do Cando. "Notícias dos Arcos".
- Pinto, J. (2004b, julho 20). Breves considerações sobre o santuário e romaria 12
de S. Bento do Cando. "Notícias dos Arcos".
- Pinto, J. (2005a). "Rituais funerários na Gavieira: Uma etnografia da morte
numa microssociedade serrana do concelho de Arcos de Valdevez". Arcos de
Valdevez: Câmara Municipal de Arcos de Valdevez.
- Pinto, J. (2005b). Rituais funerários na Gavieira. "Terra de Val de Vez", 17. 47-71
- Pinto, J., & Vieira, S. (2010). S. Bento do Cando: Uma festa serrana do 179-192
concelho de Arcos de Valdevez. "Trabalhos de Antropologia e Etnologia", 50.
- Pinto, J., & Vieira, S. (2017). "A festa de São Bento do Cando: Memória de
uma devoção serrana em terras de Soajo e Gavieira". Arcos de Valdevez:
Município de Arcos de Valdevez.
- Pintor, M. A. B. (1981). Por terras do Soajo: São Bento do Cando na freguesia 5-30
da Gavieira. "Terra de Val de Vez", 2.
- Portugal. Instituto Nacional de Estatística I.P. Censos 2011. Recuperado em 15
de junho, 2022, de www.inec.pt
- Rey, J. (2000). Território e povoamento. In L. L. Graça & H. M. R. Santos 22-39
(Coords.), Cadernos de Montanha: Peneda 1. [s. l.]: [s.n.].
Roteiro Arcos de Valdevez: Património histórico (1999). Arcos de Valdevez:
Câmara Municipal de Arcos de Valdevez.
- Sousa, G. (1981). São Bento no concelho de Arcos de Valdevez. "Terra de Val 52-57
de Vez", 2.
- Vasconcelos, J. (1998). "Romarias: Um inventário dos santuários de Portugal"
(Vol. II). Lisboa: Olhapim.
- Portugal. Sistema de Informação para o Património Arquitetónico (SIPA).
Consultado em 15 de outubro, 2022, de
http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3572.
- Almeida, C. A. F. de (1987). "Alto Minho". Lisboa: Presença.

Observações

<MANIFESTACOES_ASSOCIADAS>

Há três romarias de montanha que se aproximam muito da Romaria de S. Bento do Cando. Na branda de Santo António de Val de Poldros, celebra-se a festa de Santo António. Esta também é precedida de uma novena e termina com a celebração da missa, no dia 13 de junho.

Na noite de 10 para 11 de julho (véspera do feriado municipal), muitos romeiros percorrem um longo trajeto até chegarem à freguesia de Ermelo, para assistirem à primeira missa, que se celebra às 6 da manhã, e para se benzerem com o chapéu de S. Bento de Ermelo.

No dia 31 de agosto de cada ano, na freguesia da Gavieira, inicia-se a Romaria da Senhora da Peneda, com a celebração da novena, que se prolonga até ao dia 8 de setembro. Nas duas romarias há vários quartéis onde ficam alojados os romeiros. Na Senhora da Peneda, por via da distância, os devotos ficam aí alojados vários dias.

Todos os rituais religiosos levados a cabo pelos romeiros na romaria de S. Bento do Cando giram em torno da novena. Depois de deixarem os seus pertences nos quartéis, os romeiros começam a rezar ainda dentro do quartel ou optam por ambular ao redor da capela, (sempre em sentido contrário ao dos ponteiros do relógio) e com o rosário na mão, rezando em surdina. Depois rezam junto do altar-mor, onde está uma das imagens de S. Bento do Cando (aquela a que se presta mais culto).

No dia 3 de julho, quando começa a novena, os devotos assistem à missa com início às 20h. Os cânticos das missas e das procissões da novena têm letras e músicas próprias, que já são cantadas desde o tempo em que o padre Manuel Afonso foi ordenado pároco da Gavieira, na década de 40 do século findo. Após a missa, os romeiros voltam para as suas casas ou para os quartéis, onde continuam a rezar e a pedir a intercessão de S. Bento para problemas que os afligem na vida quotidiana e que se prendem sobretudo com doenças suas ou de familiares próximos.

No dia seguinte, logo de manhã, ainda cedo, alguns romeiros começam novamente a ambular ao redor da capela e a rezar em surdina, com o rosário na mão. Esta sequência de rituais diários obedece a uma lógica própria e prolonga-se por nove dias.

Muitas vezes, devido à promessa feita, muitos devotos sujeitam o corpo a algumas mortificações como, por exemplo, comer apenas pão e beber água ou fazer algum tipo de jejum que pode passar por comer apenas uma refeição diária.

</MANIFESTACOES_ASSOCIADAS>

<CRITERIOS_GENERICOS_APRECIACAO>

a) Importância da manifestação do património cultural imaterial, enquanto reflexo da respetiva comunidade ou grupo.

A Romaria de S. Bento do Cando é uma manifestação de enorme relevo social, cultural, religioso e económico para os romeiros que nela participam e dá um movimento inusitado à “branda” de S. Bento do Cando, bem como ao concelho de Arcos de Valdevez, Melgaço e Monção. A participação intergeracional de romeiros que se juntam na “branda”, nomeadamente junto da capela, em dias de Romaria, quer no cumprimento dos preceitos religiosos, quer na participação na componente lúdica e profana, são prova disso. A procura de S. Bento do Cando (que, segundo os romeiros, é detentor de poder taumátúrgico), redonda, amiúde, no pagamento de promessas, o que demonstra também a vitalidade e o papel sagrado do seu culto para a região. Se a organização da romaria e manutenção dos espaços se encontram ligadas a um grupo (Mesa Administrativa, Igreja Católica, moradores), o usufruto espiritual e lúdico revelam a abrangência regional desta capela serrana.

b) Os contextos sociais e culturais da sua produção, reprodução e formas de acesso, designadamente quanto à respetiva representatividade histórica e espacial.

O culto a S. Bento do Cando completará, em 2051, quatrocentos anos. Após esta história de quatro séculos, a Romaria de S. Bento continua a decorrer no mesmo espaço, na “branda” do Cando, em

pleno território montanhoso do Parque Nacional da Peneda-Gerês e que também é Reserva Mundial da Biosfera. A Romaria está marcada por um forte sentimento de fé partilhada e realça as afinidades e um sentimento de pertença entre membros de freguesias vizinhas. A permanência do sentido da localidade que agrega pessoas com experiências religiosas, mas também sociais e económicas próximas, torna-se particularmente sensível na noite do arraial (10 de julho), com manifestações musicais de grande significado para estas populações que nelas participam, ao juntarem-se ao canto e à dança. Acresce a isso ainda o facto de os romeiros permanecerem alojados em quartéis, durante os 9 dias da novena. A Romaria promove sociabilidade e coesão social, na medida em que possibilita o encontro, o reencontro e o diálogo entre os romeiros de diferentes freguesias e concelhos do Alto Minho interior.

c) A efetiva produção e reprodução da manifestação do património cultural imaterial no âmbito da comunidade ou grupo a que se reporta

A Romaria de S. Bento do Cando é organizada pela Igreja Católica, com a participação direta e preponderante da Mesa Administrativa e da Câmara Municipal de Arcos de Valdevez. Todavia, cabe aos romeiros a materialização e interpretação das expressões que levam a cabo durante a sua participação nos ofícios religiosos, cumprimento pessoal de promessas, ou na criação da música, cantares e danças que decorrem no arraial. Por um lado, o modo de cumprir promessas, se bem que guiado pelas autoridades eclesíásticas, acaba por ter interpretações e performances pessoais. Por outro lado, o arraial é criado pelos próprios participantes, com os seus instrumentos, cantares e danças. A eles cabe a totalidade da produção desta componente lúdica e profana da celebração.

d) A efetiva transmissão intergeracional da manifestação do património cultural imaterial e dos modos em que se processa

A transmissão intergeracional da manifestação ocorre de dois modos. Por um lado, na renovação dos membros da Mesa Administrativa, criando condições para a manutenção de uma instituição fulcral para o funcionamento da capela e da Romaria. Por outro lado, muitas práticas, sagradas ou profanas, que são caras aos romeiros, transmitem-se de geração em geração, de maneira informal, pela observação e incorporação progressiva, ao longo de sucessivas participações na celebração. As mulheres desempenham um papel de relevo no campo espiritual, uma vez que a sua presença nos ofícios e no cumprimento de promessas é significativa, quando comparada com a presença dos homens.

e) As circunstâncias suscetíveis de constituírem perigo ou eventual extinção, parcial ou total, da manifestação do património cultural imaterial.

Não se afigura, neste momento, qualquer perigo plausível de extinção da manifestação considerada na sua totalidade. No que respeita ao modo de cumprimento das promessas, vai-se assistindo a uma diminuição das práticas de cariz sacrificial sem, contudo, se alterar a devoção e a existência de promessas. No que concerne à componente profana, a vitalidade da noite do dia 10 de julho, bem como a presença de muitos jovens, contribuiu para atestar a sua continuidade.

f) As medidas de salvaguarda em relação à continuidade da manifestação do património cultural imaterial.

A Mesa Administrativa de S. Bento do Cando e o Município de Arcos de Valdevez têm feito um investimento crescente na Romaria, enquanto elemento central da estratégia cultural do concelho. O Município de Arcos de Valdevez contribuiu financeiramente para o restauro da capela e para o embelezamento do espaço envolvente. No entanto, a maior parte do investimento, que rondou os 200 mil euros, foi suportada pela Mesa Administrativa de S. Bento do Cando.

No portal do Município de Arcos de Valdevez são divulgadas as “brandas” da Gavieira (onde se inclui a “branda” de S. Bento do Cando) e o Parque Nacional da Peneda-Gerês, sublinhando-se as suas particularidades e potencialidades, nomeadamente a sua fauna, flora, património móvel e imaterial.

Em 2013, o Município publicou uma obra da autoria de Fernando Barros que aborda, entre outros aspetos, as características da habitação e a vida na “branda” de S. Bento do Cando e outras “brandas” da Gavieira e do lugar de Padrão, Sistelo. As “brandas” são procuradas por turistas e investigadores, para conhecerem a vida agrícola e a criação de gado bovino estabulado e outro que pasta livremente na serra. Há outros artigos que abordam a temática das “brandas” do ponto de vista etnográfico e antropológico.

A Romaria e o programa religioso e profano da mesma são divulgados atempadamente na agenda cultural do Município de Arcos de Valdevez. São, ainda, divulgados na Rádio Valdevez e no jornal “Notícias dos Arcos”.

As “brandas” são valorizadas do ponto de vista ambiental, protegendo a fauna, a flora e o património edificado. A secção de turismo do Município de Arcos de Valdevez está a criar percursos pedestres que permitem dar a conhecer e promover a “branda”. Há interdições e limitações para o abate de árvores de determinada espécie, como por exemplo: o carvalho e o azevinheiro. A caça de determinadas espécies de animais também é interdita, por exemplo, o corso ou a cabra brava. Na área da construção, há regras rígidas no que diz respeito à edificação de habitações na “branda”. Ainda nesta área de intervenção, o Parque Nacional da Peneda-Gerês, em parceria com o Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas, o Município e outras entidades, têm como objetivo remodelar as casas que antes serviam para alojar os guardas florestais.

Quanto às acessibilidades, nos últimos anos, foi feito um investimento na sua melhoria, nomeadamente no interior da “branda”, de modo a que os tratores e outras máquinas agrícolas possam circular sem limitações.

Uma outra preocupação tem sido a de criar condições de habitabilidade, para que os moradores possam desenvolver as suas atividades na “branda”, uma vez que a presença e a fixação dos moradores é absolutamente fundamental. Por outro lado, há a decisão de acautelar e manter a traça original das habitações (essa fiscalização é realizada por técnicos do Município de Arcos de Valdevez).

De um modo geral, tem havido todo o empenho na criação de condições físicas para receção de visitantes e turistas, sobretudo com a beneficiação dos antigos “quartéis” de peregrinos, enquanto espaços informais de estadia, tendo mesmo sido construído um restaurante na “branda” de S. Bento do Cando, com o apoio financeiro do Município.

Na área da investigação científica, tem-se dado apoio continuado aos estudos sobre a Romaria e seus contextos. O próprio Município de Arcos de Valdevez publicou uma obra sobre a Romaria de S. Bento do Cando, escrita por José Pinto e Sandra Vieira, intitulada: “A festa de S. Bento do Cando: memória de uma devoção serrana em terras de Soajo e Gavieira”. A mesma foi prefaciada pelo Professor Doutor Álvaro Campelo.

O Professor Doutor Xosé Manuel González Reboredo também escreveu uma introdução para a obra. A mesma foi apresentada publicamente no Auditório da Casa das Artes de Arcos de Valdevez, no passado dia 3 de dezembro de 2017.

A Divisão Sociocultural, Arquivo Municipal José Terra e a Biblioteca Municipal Tomaz de Figueiredo e Casa das Artes lançaram e disponibilizam bibliografia sobre a Romaria de S. Bento do Cando. Com a coordenação da Rota Cisterciense Alto Minho-Galiza, esteve patente, em maio de 2018, numa ala do Mosteiro de Santa Maria de Fiães, uma exposição intitulada: “Bento, Bernardo, Cister: Três Pilares da Construção Europeia”. A referida exposição também esteve patente na Casa das Artes do Arcos de Valdevez.

Foi criada uma Rota Cisterciense do Alto Minho e Galiza, que tem como objetivo dar visibilidade ao património material e imaterial, além de permitir concretizar leituras multidisciplinares nessa Rota. A Rota Cisterciense do Alto Minho-Galiza foi inaugurada no passado dia 1 de julho de 2017. Os trilhos pelo noroeste peninsular, que ligam o Vale do Lima ao Vale do Minho e à Galiza, são apresentados em vários pontos-âncora do itinerário cultural e místico, como Ermelo, S. Bento do Cando, Fiães, Leiro e Osseira.

O caminho transfronteiriço pode ser percorrido a pé, a cavalo ou em motociclo. Tem início no mosteiro de Ermelo e termina na abadia de Osseira, na Galiza.

Ermelo serve de ponto de partida, porque o mosteiro marca o Vale do Lima e tem uma história rica que remonta ao século XII. Podemos ver no mosteiro de Ermelo vestígios de arte românica e, por isso, tem merecido estudos de vários investigadores, que sublinham o facto de este património religioso constituir um centro congregador das populações que vivem, sobretudo, nos concelhos de Arcos de Valdevez e de Ponte da Barca, e que para lá confluem na romaria de S. Bento, no dia 11 de julho.

Tal como consta da brochura promocional, a Rota Cisterciense do Alto Minho-Galiza, depois de se iniciar em Ermelo, passa por Soajo e pela “branda” de S. Bento do Cando (Gavieira).

Seguidamente, atravessa a zona das “brandas” da Aveleira e Bouça dos Homens, continuando por Lamas de Mouro, descendo por Alcobaça e Adadela, para ir encontrar o mosteiro cisterciense de Santa Maria de Fiães, concelho de Melgaço.

A Rota prossegue por terras melgacenses e atravessa a zona fronteiriça de São Gregório, seguindo por Cortegada e atravessando o rio Minho. Ribadavia é o ponto de passagem, para logo encontrar em Leiro (Ourense) o mosteiro cisterciense de Santa Maria de San Clodio, envolvido pelo rio Ávia e pelos vinhedos das cepas alinhadas e produtoras do vinho do ribeiro. Continuando o caminho cisterciense, ultrapassa-se o Carvalliño, passando pelo município de Cea. Após a travessia de um denso carvalhal ao som do murmúrio do rio, surge o grande conjunto monacal do Mosteiro de Santa Maria de Osseira, local de chegada da Rota Cisterciense. A paisagem cultural da Rota encerra história, antropologia, arte e valores éticos e estéticos, num autêntico diálogo com a memória dos homens e dos sítios. Além disso, na essência da Rota, que começou a ser gizada em 2014, estão os cinquenta anos que, em 2014, se cumpriram, desde a proclamação de S. Bento como padroeiro da Europa pelo papa Paulo VI, em 24 de outubro de 1964.

Neste projeto, manifestaram estreita parceria, entre outros, os padres das freguesias de Ermelo, Soajo, Gaviéria, Parada do Monte e Fiães.

Os principais objetivos da Rota Cisterciense do Alto Minho-Galiza são vários: reconhecer o valor dos conjuntos monacais, no desenvolvimento do turismo cultural e religioso; lançar um olhar humanista e místico sobre 900 anos de história; dar um contributo para o Itinerário Cultural Europeu dos Caminhos de Cister; valorizar o legado “Ora et Labora”; ligar o Vale do Lima ao Vale do Minho pela montanha, contribuindo para o seu desenvolvimento; fortalecer os laços transfronteiriços, tendo referências memoriais e registos raianos; constatar a existência de laços antigos entre os cistercienses do Alto Minho e Galiza.

Tendo em conta esses objetivos, houve a preocupação de proceder ao mapeamento e sinalização no território dos trilhos dos Romeiros de S. Bento do Cando. Assim, facilitou-se o seu percurso, tornando-o ainda mais atrativo, incentivando-se as iniciativas que o promovem. A Associação Regional de Desenvolvimento do Alto Lima (ARDAL), por exemplo, dinamiza a realização de percursos pedestres, com passagem pela “branda” de S. Bento do Cando, percursos que são amplamente divulgados nas redes sociais.

No dia 29 de julho de 2022, a Câmara Municipal dos Arcos de Valdevez e a Associação BIOPOLIS apresentaram o projeto da “Branda Científica de São Bento do Cando”.

Nesse sentido, em pleno coração do Parque Nacional da Peneda-Gerês, irá ser construída uma estação internacional de investigação, para apoiar os trabalhos dos cientistas na região.

Respondendo aos desafios da Estratégia Europeia para a Biodiversidade 2030 e ao do European Green Deal, a Branda Científica de São Bento do Cando apoiará investigação interdisciplinar de suporte, no âmbito do restauro da biodiversidade e ecossistemas na Europa, assim como da gestão sustentável dos recursos naturais, nomeadamente no domínio das montanhas, que são verdadeiras sentinelas das alterações climáticas. Irá também ser apoiada a investigação sobre os recursos culturais que formam parte integral da paisagem, no espírito da Convenção Europeia da Paisagem. As “brandas” são um tipo de povoamento na Serra de Soajo. Nesta região, os pastores e as suas famílias movimentavam-se entre as “inverneiras” (aldeias de inverno) e as “brandas”, todos os anos, procurando a proteção dos elementos, no inverno, e as pastagens frescas, no verão. Numa versão moderna deste conceito, a “branda” será uma aldeia de verão para os cientistas do BIOPOLIS e das várias instituições participantes.

A Branda Científica de São Bento do Cando terá condições para acolher cursos de doutoramento e mestrado de curta duração, trabalho de campo de investigadores, tendo para além dos alojamentos, um conjunto de laboratórios de suporte. Irá, ainda, funcionar como espaço para apoio a workshops com investigadores.

Na região, está a decorrer um conjunto de trabalhos de investigação, desde a arqueologia à ecologia, de que tem resultado uma obra científica reconhecida a nível internacional e que, entre outros aspetos, levou à descrição de novas espécies para a ciência e a novos sistemas de monitorização da biodiversidade. Esses trabalhos irão ter agora também o apoio infraestrutural que lhes permitirá abraçar novos desafios científicos.

Será intervencionado um conjunto de edifícios pertencentes à Mesa Administrativa de São Bento do Cando, dando-lhes novos usos e mantendo o apoio sazonal aos romeiros que acorrem à Romaria. Este projeto conta com o apoio do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (MCTES), do Ministério da Coesão Territorial, da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte (CCDR-N) e da Fundação para a Ciência e a Tecnologia - FCT.

No decurso do projeto será também assinado o “Acordo de Cooperação da Branda Científica” com a Universidade do Porto, Universidade do Minho, Universidade de Trás-os-Montes, Instituto

Politécnico de Viana do Castelo, Instituto Politécnico de Bragança, Universidade de Vigo e Universidade de Santiago de Compostela. Esta é mais uma iniciativa de promoção do conhecimento e inovação da Câmara Municipal de Arcos de Valdevez, com parcerias, tendo em vista a fixação e atração de talentos, pessoas e investimento qualificado para Arcos de Valdevez.

</CRITERIOS_GENERICOS_APRECIACAO>

<PATRIMONIO_CULTURAL>

Tendo sido outrora um importante mercado de gado, a branda era frequentada por pouco mais do que os moradores da Gavieira e das freguesias limítrofes. Constituindo um momento de clara sociabilidade, a feira de gado tinha início por volta das 7 horas, pela manhã do dia 10 de junho, e terminava um pouco antes do meio-dia. Nela podiam ser encontrados bezerros, vacas, bois, cavalos e mesmo burros, mas o dominante sempre foram as vacas e os bezerros. Nos dias de hoje, como nos elucidou um morador da freguesia, somos confrontados com uma menor variedade de animais.

“Vacas, vitelos e cavalos, mais nada. Cabras e ovelhas não havia, porque, quando a gente queria vender, havia sempre homens que vinham comprar cabritos para criação. Vinham ali homens de Monção, de todo o lado, por cabras, cabritos, ovelhas, carneiros, tudo. Depois acabou tudo com a emigração!” (Homem, 85 anos, fevereiro de 2011).

Havia locais específicos para a venda do gado, na “branda” de S. Bento do Cando, dependendo da freguesia ou lugar de onde eram oriundos os criadores: “O gado ficava em muitos lados, muito dele ficava abaixo da capela, ao fundo do cruzeiro, era a feira dos garranos, por detrás das casas naquele outro lado, era a feira dos vitelos. Repartiam os espaços, não é? Quem vivia na Gavieira, ficava por detrás entre as casas, ao cimo da capela, por detrás das casas havia lá um largo que era Tibo e Gavieira, Rouças e Cabreiro e estes outros lugares ficavam do cruzeiro para lá, por ali afora naqueles currais, você amarrava o seu gado para aqui, outro para ali, outros juntavam-se, pronto!” (Homem, 86 anos, julho de 2011).

Atualmente, a feira de gado realiza-se num terreno um pouco abaixo da capela, ao fundo do cruzeiro, pois, como nos disse um dos nossos informantes. “[...] o gado, muito dele, ficava abaixo da capela, ao fundo do cruzeiro” (Homem, 86 anos, agosto de 2007).

É um espaço no qual compradores, vendedores, apreciadores e curiosos circulam e circulavam em conjunto, numa atmosfera de grande confusão e azáfama, entre conversas animadas e realização de negócios. No entanto, “o negócio está mau [...]” comentavam entre si os criadores de gado, em parte porque o negócio já não é o que era antigamente e há menos compradores.

E é neste espaço que encontramos alguns moradores da Gavieira com os quais já tínhamos conversado. Trazem o melhor gado, procuram um negócio oportuno. Este é um momento de afirmação e de troca de saberes associados à criação, pois é importante mostrar toda a destreza no domínio dos animais, através do movimento de manejar o varapau e de assobios. Utilizam mesmo uma espécie de linguagem e poses corporais, para mostrar o conhecimento desta arte. Atualmente, mais restrito, este espaço é frequentado por vários criadores de gado, oriundos dos lugares de Rouças e da Gavieira. Contudo, no passado, o gado fazia a viagem para a feira a pé, de freguesias mais distantes.

“O gado vem de Cabreiro, de Parada, da Gavieira, mas dantes vinha de outros lados. Agora a feira é mais pequena, já não é como antigamente” (Homem, 86 anos, agosto de 2007).

Um outro morador acrescentou que:

“A da freguesia de Cabreiro também vinha, mas do lado de Melgaço, não me lembro de ver gado” (Homem, 85 anos, julho de 2011). Deste modo, a feira de gado remete-nos para a construção da identidade local, no contexto rural. A tradição continua viva, como um aspeto importante na celebração atual da festa de S. Bento do Cando, embora mais pobre, face à quantidade de gado que era comprado e vendido no passado. De todo o modo, a feira de gado continua a ter lugar e a marcar claramente a manhã deste dia de festa na branda. No decurso do nosso trabalho de campo, fomos confrontados com o desabafo de um habitante da Gavieira, que nos contou que:

“A gente guardava os bois grandes para vender nas festas e romarias. Agora é uma feira por tradição, já não é nada do que era! Para aí há uns seis ou sete anos, ainda havia bois a vender

[...]. Antigamente é que era!” (Mulher, 86 anos, agosto de 2007).

Porém, não era qualquer gado que servia para a feira, como esclareceu uma outra habitante da Gavieira. Havia uma seleção prévia dos animais. Apesar da quantidade de gado ser maior nos dias de hoje do que era outrora, este vende-se cada vez menos na feira, como nos explica outro morador da Gavieira:

“Na altura, se calhar, não havia tanto gado, não, não havia mais gado do que agora, agora penso que há mais gado, mas não saem para a feira. Naquela altura havia muito menos gado, mas muita mais gente vinha com ele para a feira. Porque a gente guardava o gado para aquela feira. Agora os compradores compram pelas portas. Hoje levam uma cabeça, amanhã levam outra e é assim” (Homem, 84 anos, julho de 2011).

“Agora já quase não vem gado, primeiro havia menos gado e a feira tinha muito mais gado, agora há mais gado e a feira tem pouco. Agora, vende-se o gado quase todo à porta de casa, vêm e levam-no, quando chega a altura da festa já não há nada. O lobo leva-o por uma banda e a raposa por outra. A gente bota o gado para a monte, não é, vem o lobo e leva tudo que está à frente, o que escapa é que se vai vendendo” (Homem, 75 anos, julho de 2011).

É justamente esta centralidade, espelhada tanto nos vendedores como nos compradores, que condensa este evento tradicional numa marca de identidade muito própria. A feira de gado, integrada na festa de S. Bento, está, hoje em dia, inserida num contexto económico particularmente crítico, afetando a agricultura e a pecuária que, frequentemente, se veem a braços com a necessidade de reivindicar medidas e apoios para fazer face às adversidades. Por outro lado, a feira de gado sempre foi mais do que o local de “um simples intercâmbio comercial e espaço de criação e aprofundamento de relações sociais. A sua importância é salientada por Carvalho, ao observar que, “Nos poulcos da freguesia de Soajo, até à feira do Cando, dia 10 de julho, cada pastor apartava as crias e preocupava-se na engorda dos vitelos, pois a feira anual em S. Bento do Cando aproximava-se a ritmo veloz. Esta feira não tinha apenas impacto na economia das populações, mas correspondia a um dos marcos nos usos deste regime pastoral.”

Vivia-se muito em função da festa, dos negócios que lá se poderiam fazer, de quem se poderia conhecer ou rever. Criavam-se animais especialmente para este fim, selecionavam-se os melhores para vender na festa, tal era a sua valia.

</PATRIMONIO_CULTURAL>

<PATRIMONIO_NATURAL>

Flora: Matas de carvalhos (alvarinho e negral), azevinho, medronheiro, teixo, sobreiro, feto-do-gerês, zimbro, vidoeiro e lírio-do-gerês.

Fauna: Vaca de raça Cachena, garrano, lobo-ibérico, corço, cabra-montesa, texugo, lontra, toupeira-de-água, víbora cornuda, víbora de seoane, salamandra-lusitânica, tartaranhão-cinzento, gralha-de-bico-vermelho, cartaxo-nortenho, narceja, águia-real, falcão, açor, peneireiro e bufo-real.

</PATRIMONIO_NATURAL>

<ESTUDOS_METODOLOGIAS_PROGRAMAS>

A metodologia seguida centrou-se em quatro eixos: 1. Fazer a pesquisa bibliográfica e material concernente à Romaria de S. Bento do Cando, sobre a qual poucos antropólogos e historiadores escreveram; 2. Iniciar uma aproximação à freguesia da Gavieira e aosromeiros que procuravam as celebrações, por forma a integrá-los no processo de pesquisa e construção do inventário, seguindo tanto os fundamentos teóricos mais relevantes neste campo, como as recomendações da convenção da UNESCO; 3. Planear e desenvolver uma investigação de terreno, tendo em conta as metodologias de pesquisa etnográfica e a análise antropológica para a construção dos conteúdos; 4. Partilhar criticamente os conteúdos inventariados com a comunidade

local.

Neste sentido, o trabalho de campo foi realizado em duas fases distintas, durante o ano de 2017. A primeira subida à branda de S. Bento do Cando foi realizada no dia 21 de março, data que coincide com a primeira romaria em que se relembra a morte de S. Bento. Uma segunda fase, foi realizada a partir do dia 3 de julho. Levámos máquina fotográfica e gravador, para podermos registar todos os momentos considerados importantes. Conversámos com os romeiros e gravamos entrevistas. O estudo também beneficia ainda do trabalho de campo realizado por José Pinto, nos anos de 2000 e de 2001. Depois em 2007, 2011 e 2014, José Pinto e Sandra Vieira voltaram à romaria, para dar conta das alterações ocorridas ao longo dos últimos 15 anos.

Atividades

- Apoio à publicação de uma obra conjunta, escrita por José Pinto e Sandra Vieira, intitulada: “A festa de S. Bento do Cando: memória de uma devoção serrana em terras de Soajo e Gavieira”. No início do mês de agosto, José Pinto fez a apresentação da obra na sede da Junta de Freguesia da Gavieira.

- Divisão Sociocultural - Arquivo Municipal José Terra, Biblioteca Municipal Tomaz de Figueiredo, Casa das Artes de Arcos de Valdevez (lançamento e disponibilização de bibliografia sobre a expressão cultural); a Rota Cisterciense do Alto Minho e Galiza pretende dar visibilidade ao património material e imaterial, assim como concretizar leituras multidisciplinares na Rota Cisterciense. Os seus principais objetivos são: reconhecer o valor dos conjuntos monacais, no desenvolvimento do turismo cultural e religioso; lançar um olhar humanista e místico sobre 900 anos de história; dar um contributo para o Itinerário Cultural Europeu dos Caminhos de Cister; valorizar o legado “Ora et Labora”; ligar o Vale do Lima ao Vale do Minho pela montanha, contribuindo para o seu desenvolvimento; fortalecer os laços transfronteiriços tendo referências memoriais e registos raianos; constatar a existência de laços antigos entre os cistercienses do Alto Minho e Galiza. Por outro lado, a Associação Regional de Desenvolvimento do Alto Lima (ARDAL) aposta na promoção e na realização de percursos pedestres, com passagem pela branda de S. Bento do Cando, os quais são amplamente divulgados na internet.

- Memórias Paroquiais de 1758; tomo de Soajo e sua anexa de Salvador da Gavieira de 1795; Manuel António Bernardo Pintor publicou um artigo sobre a capela e a romaria de S. Bento do Cando, com o título: “Por terras de Soajo: S. Bento do Cando na freguesia da Gavieira” (1981); José Pinto e Sandra Vieira publicaram um artigo na revista “Trabalhos de Antropologia e Etnologia” (2010), com o título: “S. Bento do Cando: uma festa serrana do concelho de Arcos de Valdevez”; publicação da obra da autoria de José Pinto e Sandra Vieira, intitulada: A festa de S. Bento do Cando: memória de uma devoção serrana em terras de Soajo e Gavieira (2017); monografia final de curso da licenciatura em Antropologia, “Vozes de mulheres em S. Bento do Cando”, da autoria de Teresa Carvalho Costa (2001); capítulo sobre a romaria de S. Bento do Cando, da autoria de João Vasconcelos, publicado na obra: “Romarias: um inventário dos Santuários de Portugal” (Vol. II) (1998). Em 2019, Álvaro Campelo, escreveu um artigo na revista “Cons Ciências” intitulado: “Viver e exibir o sagrado: palcos e bastidores da sacralidade na contemporaneidade”.

</ESTUDOS_METODOLOGIAS_PROGRAMAS>

<ENTIDADE_REQUERENTE>

Município de Arcos de Valdevez.

</ENTIDADE_REQUERENTE>

<ACTIVIDADES>

A metodologia seguida centrou-se em quatro eixos: 1. Fazer a pesquisa

bibliográfica e material concernente à Romaria de S. Bento do Cando, sobre a qual poucos antropólogos e historiadores escreveram; 2. Iniciar uma aproximação à freguesia da Gavieira e aos romeiros que procuravam as celebrações, por forma a integrá-los no processo de pesquisa e construção do inventário, seguindo tanto os fundamentos teóricos mais relevantes neste campo, como as recomendações da convenção da UNESCO; 3. Planear e desenvolver uma investigação de terreno, tendo em conta as metodologias de pesquisa etnográfica e a análise antropológica para a construção dos conteúdos; 4. Partilhar criticamente os conteúdos inventariados com a comunidade local.

Neste sentido, o trabalho de campo foi realizado em duas fases distintas, durante o ano de 2017. A primeira subida à branda de S. Bento do Cando foi realizada no dia 21 de março, data que coincide com a primeira romaria em que se relembra a morte de S. Bento. Uma segunda fase, foi realizada a partir do dia 3 de julho. Levámos máquina fotográfica e gravador, para podermos registar todos os momentos considerados importantes. Conversámos com os romeiros e gravamos entrevistas. O estudo também beneficia ainda do trabalho de campo realizado por José Pinto, nos anos de 2000 e de 2001. Depois em 2007, 2011 e 2014, José Pinto e Sandra Vieira voltaram à romaria, para dar conta das alterações ocorridas ao longo dos últimos 15 anos.

Atividades

- Apoio à publicação de uma obra conjunta, escrita por José Pinto e Sandra Vieira, intitulada: “A festa de S. Bento do Cando: memória de uma devoção serrana em terras de Soajo e Gavieira”. No início do mês de agosto, José Pinto fez a apresentação da obra na sede da Junta de Freguesia da Gavieira.

- Divisão Sociocultural - Arquivo Municipal José Terra, Biblioteca Municipal Tomaz de Figueiredo, Casa das Artes de Arcos de Valdevez (lançamento e disponibilização de bibliografia sobre a expressão cultural); a Rota Cisterciense do Alto Minho e Galiza pretende dar visibilidade ao património material e imaterial, assim como concretizar leituras multidisciplinares na Rota Cisterciense. Os seus principais objetivos são: reconhecer o valor dos conjuntos monacais, no desenvolvimento do turismo cultural e religioso; lançar um olhar humanista e místico sobre 900 anos de história; dar um contributo para o Itinerário Cultural Europeu dos Caminhos de Cister; valorizar o legado “Ora et Labora”; ligar o Vale do Lima ao Vale do Minho pela montanha, contribuindo para o seu desenvolvimento; fortalecer os laços transfronteiriços tendo referências memoriais e registos raianos; constatar a existência de laços antigos entre os cistercienses do Alto Minho e Galiza. Por outro lado, a Associação Regional de Desenvolvimento do Alto Lima (ARDAL) aposta na promoção e na realização de percursos pedestres, com passagem pela branda de S. Bento do Cando, os quais são amplamente divulgados na internet.

- Memórias Paroquiais de 1758; tomo de Soajo e sua anexa de Salvador da Gavieira de 1795; Manuel António Bernardo Pintor publicou um artigo sobre a capela e a romaria de S. Bento do Cando, com o título: “Por terras de Soajo: S. Bento do Cando na freguesia da Gavieira” (1981); José Pinto e Sandra Vieira publicaram um artigo na revista “Trabalhos de Antropologia e Etnologia” (2010), com o título: “S. Bento do Cando: uma festa serrana do concelho de Arcos de Valdevez”; publicação da obra da autoria de José Pinto e Sandra Vieira, intitulada: A festa de S. Bento do Cando: memória de uma devoção serrana em terras de Soajo e Gavieira (2017); monografia final de curso da licenciatura em Antropologia, “Vozes de mulheres em S. Bento do Cando”, da autoria de Teresa Carvalho Costa (2001); capítulo sobre a romaria de S. Bento do Cando, da autoria de João Vasconcelos, publicado na obra: “Romarias: um inventário dos Santuários de Portugal” (Vol. II) (1998). Em 2019, Álvaro Campelo, escreveu um artigo na revista “Cons Ciências” intitulado: “Viver e exibir o sagrado: palcos e bastidores da sacralidade na contemporaneidade”.

</ACTIVIDADES>